ISSN 2359-053x

ANO 10 - NÚMERO 124 - FEVEREIRO 2025

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 fev a 14 mar/25



CARBONO: VOZES EXCLUÍDAS

p. 08

ECOLOGIA
A gota d'água
p. 22

AVOSIDADE
Reza, fofoca e terapia
p. 28

UNIVERSO FEMININO
A Elizabeth Teixeira
p. 48


FENAE
COM ELAS



A Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal **(Fenae)** lança campanha pelo **Feminicídio Zero** e reforça seu compromisso com a promoção dos direitos humanos das mulheres e a intolerância às violências baseadas em gênero.

Caminhamos juntos pela vida de todas as mulheres!

Aponte a câmera de seu celular para o QR Code e conheça mais sobre a iniciativa

FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – "nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante" (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer.* Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, "porque toda revista tem que ter número zero".

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, "de grátis". Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. "O mais sabido de nóis", segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Letícia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

CARBONO: VOZES EXCLUÍDAS

São imensos os desafios da sustentabilidade ambiental com justiça climática, especialmente nesse ponto da nossa injunção histórica, quando o Brasil e o mundo precisam encontrar forças sabe-se lá onde para seguir esperneando contra esse tsunami avassalador de desencantos e retrocessos.

Na conta dos desencantos, bote-se a até então percebida como alvissareira economia dos chamados Créditos de Carbono. Fora o fato de que pouca gente sabe, de fato, do que se trata e de como funciona, os modelos ora sendo implementados no Brasil podem, na prática, excluir do processo as vozes de quem deveria, em primeiro lugar, se beneficiar de seus resultados.

É disso que trata nossa matéria de capa, produzida e publicada originalmente no blog da *Amazônia Real*. O retratado na matéria pode não ser regra geral, mas serve, no mínimo, de reflexão.



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - FEVEREIRO

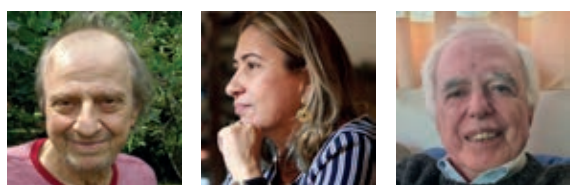
Alder Júlio – Poeta. **Alfredo A. Saad –** Escritor *(in memoriam)*. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Antenor Pinheiro –** Geógrafo. **Arthur Wentz e Silva –** Estudante. **Bia de Lima –** Parlamentar. **Eduardo Galeano –** Escritor *(in memoriam)*. **Eduardo Pereira – Sociólogo. Elson Martins –** Jornalista. **Emir Bocchino –** Designer. **Gustavo Petro –** Presidente da Colômbia. **Iêda Leal –** Gestora Pública. **Igor Strochit –** Designer. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **José Bessa Freire –** Escritor. **Laurenice Nonô Noleto –** Jornalista. **Leonardo Boff –** Ecoteólogo. **Lúcia Resende –** Professora. **Lúcia Pedreira –** Jornalista. **Manuela Cardoso da Cunha –** Antropóloga. **Maria Letícia Marques –** Ambientalista. **Mauro Barbosa de Almeida –** Antropólogo. **Nicoly Ambrosio –** Jornalista. **Rodrigo Britto –** Sindicalista. **Urariano Mota –** Escritor. **Zezé Weiss –** Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha- Professor Universitário. **Adrielle Saldanha-** Geógrafa. **Ailton Krenak –** Escritor. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Ana Paula Sabino –** Jornalista. **Andrea Matos –** Sindicalista. **Angela Mendes –** Ambientalista. **Antenor Pinheiro –** Jornalista. **Binho Marques –** Professor. **Cleiton Silva –** Sindicalista. **Dulce Maria Pereira –** Professora. **Edel Moraes -** Ambientalista. **Eduardo Meirelles -** Jornalista. **Elson Martins –** Jornalista. **Emir Bocchino -** Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader –** Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues –** Advogado. **Graça Fleury –** Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) –** Poeta. **Iêda Leal –** Educadora. **Jacy Afonso –** Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira –** Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire –** Escritor. **Júlia Feitoza Dias –** Historiadora. **Kretã Kaingang -** Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô) –** Jornalista. **Lucélia Santos –** Atriz. **Lúcia Resende –** Revisora. **Marcos Jorge Dias -** Escritor. **Maria Félix Fontele –** Jornalista. **Maria Maia -** Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima –** Jornalista. **Trajano Jardim –** Jornalista. **Zezé Weiss –** Jornalista.



IN MEMORIAM:
Jaime Sautchuk – Jornalista. **Iêda Vilas- Bôas –** Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. **Eduardo Pereira –** Produtor Cultural. **Iolanda Rocha -** Professora. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **Joseph Weiss –** Eng. Agro. PhD.



Xapuri SOCIOAMBIENTAL 124 FEV 25

08 **CAPA**
Carbono: vozes excluídas

21 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
O embranquecimento de Joaquim

17 **BIODIVERSIDADE**
Fevereiro na floresta segundo o calendário Ashaninka

22 **ECOLOGIA**
A gota d'água

20 **FOTOGEOGRAFIA**
Sombras adormecidas

25 **FORMOSA**
A praça Ruy Barbosa

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **CULTURA**
Salve o Cerrado, o berço das águas: Abram alas para o bloco Não é Não!

28 **AVOSIDADE**
Reza, fofoca e terapia: A velhice compartilhada

33 **SUSTENTABILIDADE**
O tempo e a eternidade do ser humano

36 **POLÍTICA**
Rubens Paiva foi torturado ao som de "Jesus Cristo"

38 **MITOS E LENDAS**
Knyxiwè

40 **PERFIL**
Pão e rapadura

44 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Uma vitória da civilização

46 **RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA**
Não gosto do seu petróleo, Trump!

48 **UNIVERSO FEMININO**
A Elizabeth Teixeira

CARBONO: VOZES EXCLUÍDAS

Nicoly Ambrosio/*Amazônia Real*



Foto: Alberto César Araujo/ Amazônia Real

Quando entramos nos limites da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, é impossível não se admirar com a quantidade de lagos, praias, igarapés e igapós de águas escuras.

O mosaico de 103 mil hectares de fauna e flora, nativas do interflúvio dos rios Negro e Solimões, forma uma terra pública preservada que atravessa os municípios amazonenses de Iranduba, Manacapuru e Novo Airão.

Essa região do baixo rio Negro, plena de biodiversidade, é cobiçada pelo avanço do mercado de crédito de carbono na Amazônia. Poderia ser uma boa notícia, mas os ribeirinhos da RDS não estão convencidos disso.

A cerca de 78 quilômetros de Manaus, a reserva abriga uma população de 600 ribeirinhos em 19 comunidades tradicionais. As RDS são um tipo de unidade de conservação que não impede a presença de moradores tradicionais. Mas estes, quase sempre, se preocupam com a preservação ambiental.

Em agosto, a *Amazônia Real* percorreu a RDS do Rio Negro para conversar com quem vive nas comunidades. Eles afirmam ter sido excluídos da elaboração do edital e de acordos de carbono feitos pelo governo do Amazonas com empresas privadas.

"Eu ainda estou bem desinformada, só sei o que ouvi pela televisão", comenta Marlene Alves da Costa, 65 anos, liderança comunitária e artesã. O tal mercado de carbono que chegou aos ouvidos de Marlene tem sido vendido como uma solução para resolver a crise ambiental e ecológica na Amazônia, que enfrenta o seu pior momento com a aceleração do desmatamento, das queimadas e da crise climática.

Impulsionada pela realização da COP 30 em Belém, no Pará, a discussão do mercado da "economia verde" e da "bioeconomia" do crédito de carbono está longe de trazer segurança. Ao contrário, as populações locais, que são peças-chave para esse mecanismo de compensação ambiental funcionar, ainda têm muitas dúvidas.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde a líder Marlene mora, é a maior da RDS do Rio Negro. Cerca de 85 famílias vivem às margens do Lago do Acajatuba, grande parte composta por aposentados, pescadores e agricultores que viviam ali antes da criação da reserva, em 2008. O lugar é conhecido pelo turismo ecológico, que mantém economicamente a maioria das comunidades. Turistas do Brasil e do mundo viajam para a RDS a fim de conhecer a Amazônia, os balneários e as pousadas do local.

Marlene confecciona bijuterias ao lado de 30 mulheres artesãs de outras comunidades. Também ajuda a vender os itens em sua loja. Liderança feminina à frente da economia criativa da reserva, a artesã desconhecia que, entre março e abril, o governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema), anunciou a aprovação de projetos



Foto: Alberto César Araújo / Amazônia Real



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real

de geração de créditos de carbono, na modalidade REDD+ (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal), em 21 Unidades de Conservação (UCs) estaduais, incluindo a RDS do Rio Negro.

O projeto REDD+ foi oficializado sob a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima com o objetivo de reduzir as emissões de gases de efeito estufa provenientes do desmatamento e da degradação das florestas. Esses projetos de crédito de carbono devem incentivar a conservação e o manejo sustentável das florestas, além do aumento dos estoques de carbono vegetal.

A execução dos projetos de carbono no Amazonas foi concedida para cinco empresas privadas, entre elas a Future Climate, antes conhecida como Future Carbon. Como intermediadoras, elas vão negociar a venda de créditos no mercado internacional e voluntário a partir de projetos de compensação ambientais realizados nas RDS do Rio Negro e do Juma, no município de Novo Aripuanã.

A realização do edital, lançado em junho de 2023 para contratar as empresas, é motivo de desconfiança dentro da RDS do Rio Negro. Lideranças e moradores garantem que não foram consultados sobre a escolha da empresa, o que viola os termos da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que exige consulta prévia, livre e informada para qualquer intervenção em territórios tradicionais.

Um ano depois, em junho de 2024, a Sema anunciou a assinatura de um pré-contrato com a Future Climate para iniciar a fase de consultas prévias, livres e informadas junto às comunidades, nos termos da Convenção 169 da OIT. Mas essas consultas, na verdade, são sobre a implementação das iniciativas de geração de créditos de carbono. Os acordos prévios foram feitos sem consulta às comunidades. Ou seja, para os ribeirinhos, o processo já começou de forma nebulosa.

"Quando vem uma decisão dessa para dentro de uma reserva, os nossos governantes já decidiram sem nos consultar. É muito investimento na nossa Amazônia, mas não lembram que aqui existe gente, que no Amazonas tem também o ribeirinho", observa Marlene. De acordo com o edital, as empresas só precisam comprovar a realização das consultas na última fase do processo, após o envio das propostas e a aprovação.

TRÊS BILHÕES DE REAIS

A Future Climate foi fundada em 2021 por Fábio Galindo, ex-presidente do conselho de administração da Aegea, uma das maiores empresas privadas de saneamento do Brasil. É ela quem opera a concessão de distribuição de água e saneamento básico em Manaus. Outras quatro empresas de créditos de carbono concentram os projetos aprovados em unidades no Amazonas: Ecosecurities, Carbonext, Permian Brasil e brCarbon.

O mercado de crédito de carbono permite que grandes multinacionais poluidoras, como a Amazon, Microsoft, Shell, Meta e Latam, comprem e invistam em projetos para "compensar" suas emissões de gases de efeito estufa (GEE). Elas continuam poluindo o ar, mas financiam iniciativas que mantêm o carbono na Terra. No atual sistema, essas empresas precisam comprar os créditos das empresas intermediadoras.

De acordo com o governo do Amazonas, os projetos nas RDS do Rio Negro e do Juma podem gerar mais de 3 bilhões de reais em novos créditos de carbono. Metade desses recursos captados deverá ser investida nas unidades de conservação, com foco em atividades que incentivam cadeias produtivas, fortalecem as associações de base comunitárias e melhoram a infraestrutura.

Os outros 50% serão direcionados ao Fundo Estadual de Meio Ambiente

e Unidades de Conservação (Femucs), para melhorar a gestão ambiental e garantir a sustentabilidade financeira do Programa Guardiões da Floresta.

Na RDS do Rio Negro, o governo estima que a geração de créditos de carbono pode chegar a 1,1 milhão de tCO2e (toneladas de CO2 equivalente e outros gases de efeito estufa convertidos em CO2) com captação estimada em 132 milhões de reais.

O edital não especifica o valor que as intermediadoras vão receber para desenvolver os projetos ou se elas terão exclusividade para negociar os créditos gerados. Já a maior preocupação de lideranças como a artesã Marlene Alves é simplesmente saber o que é um projeto de carbono e como ele irá funcionar.

"Quais são as consequências? Todo progresso traz as duas partes, o bom e o ruim. A gente tem que saber para se prevenir e aprender a viver com isso, porque não dá mais jeito de cancelar nada", diz ela.

QUASE CANCELADA

O caminho sem volta imaginado por Marlene e outros comunitários da RDS do Rio Negro não é real, justamente porque todo o processo ainda é questionável. Pelo menos é com esse entendimento que, em agosto, o Ministério Público Federal (MPF) recomendou a suspensão de todos os projetos de REDD+ no Amazonas até que as comunidades sejam devidamente ouvidas.

Dois meses antes, a Polícia Federal havia realizado uma operação no sul do Amazonas, onde empresários foram presos por fraudes no mercado de crédito de carbono. A investigação, batizada com um nome sem rodeios, "Greenwashing", revelou que cerca de 530 mil hectares de terras públicas pertencentes à União foram grilados, com valor estimado em 800 milhões de reais.

A recomendação do MPF foi enviada ao governador do Amazonas, ao secretário de Meio Ambiente e aos representantes das empresas, instituições, organizações não governamentais e certificadoras. O documento enfatizou a necessidade de comprovação científica da eficácia dos projetos de créditos de carbono e REDD+ para a redução dos impactos climáticos.

O MPF exigiu, por meio do documento, que fossem realizadas as consultas prévias e informadas, conforme a Convenção 169 da OIT, e a regulamentação adequada que garanta segurança jurídica e a aplicação dos princípios da prevenção e precaução na implementação desses projetos que estão em fase inicial, em andamento ou finalizados.

Em resposta à *Amazônia Real*, o MPF afirmou que identificou irregularidades e riscos no projeto da Sema nas UCs do Amazonas contempladas pelo edital. Além de não terem sido ouvidas, as lideranças tradicionais relataram atritos ocorrendo dentro das comunidades. Eles preferiam debater esse tema em outro momento, pois agora enfrentam as queimadas e a seca.

COMUNITÁRIOS ENDIVIDADOS

Também há uma denúncia em andamento no 15º Ofício da Procuradoria da República no Amazonas sobre o pagamento das bolsas do programa Guardiões da Floresta, que é feito pela Sema e pela Fundação Amazônia Sustentável.

Os pagamentos das bolsas foram suspensos, deixando os comunitários endividados. Foi por causa do programa que eles tiveram de abrir contas bancárias e passaram a enfrentar cobranças de tarifas, mesmo sem receber os valores prometidos.



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real

A Sema agora diz precisar dos recursos gerados pelos créditos de carbono para retomar os pagamentos. "Ou eles aceitam ou não têm pagamento de Guardiões da Floresta, sendo que o projeto foi idealizado antes do crédito carbono. Tal argumento é pouco crível, considerando que um projeto de crédito carbono demora muito tempo para ter início e retorno financeiro geralmente", contradisse o MPF.

Numa reviravolta desse imbróglio, em setembro, o Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) concedeu liminar para suspender os efeitos de recomendação do MPF. A justificativa é que os projetos não podem ser suspensos por eles estarem alinhados a um programa mundial desenvolvido pela Convenção Quadro das Nações Unidas, que passou a integrar a política nacional do meio ambiente.

"Como ficam as violações em andamento contra os povos? Não seria mais possível investigá-las no Amazonas? Quem deve decidir isto é o CNMP mesmo ou os procuradores naturais nos Estados designados pela Constituição para tanto?", questiona o MPF.

Ainda em agosto, a empresa Future Climate havia emitido um comunicado sobre a recomendação do MPF, assegurando que apoia a participação dos órgãos de controle, como o Ministério Público, "por entender que isto garante maior legitimidade, sendo uma camada importante na construção do pretendido mercado de carbono 2.0, baseado em alta integridade, alta qualidade, transparência e benefícios sociais concretos".

A Future Climate também afirmou no documento que já estava prevista como requisito do Edital de Chamamento Público Sema/AM nº 002/2023 a etapa de consultas às comunidades. A empresa disse que aguardará os desdobramentos dos diálogos entre o Estado e os órgãos de controle e que, de acordo com sua política de "compliance", só vai iniciar o desenvolvimento dos projetos quando todas as salvaguardas sociais e ambientais estiverem devidamente respeitadas, e após uma posição consensual entre os órgãos de Estado.

Procurada pela reportagem da *Amazônia Real*, a empresa declarou que o projeto REDD+ ainda não teve início na RDS do Rio Negro e que a consulta às comunidades só começará depois do aval do governo do Amazonas. A Future Climate alega que as consultas vão obter o consentimento livre, prévio e informado (CLPI), em conformidade com as diretrizes da Convenção 169 da OIT e os padrões do Verra e requisitos do Climate, Community and Biodiversity Standard (CCB) e do Verified Carbon Standard (VCS).

A Future Climate afirmou que o projeto deve beneficiar as comunidades ribeirinhas com programas de proteção florestal e desenvolvimento, alinhados ao Plano de Gestão das UCs e acordos do CLPI. A empresa afirmou que nenhuma implementação social será realizada sem o consentimento da Sema e das comunidades.

A empresa também garantiu transparência na condução do processo, de acordo com os mecanismos de gestão de conflitos alinhados aos padrões VCS e CCB, além da fiscalização dos recursos pelo Tribunal de Contas do Estado.



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real

SEM TRANSPARÊNCIA

Viceli Costa, 35 anos, liderança comunitária e presidente da Associação das Comunidades Sustentáveis da RDS do Rio Negro, reforça que os moradores das 19 comunidades só foram chamados para participar da divulgação do resultado do edital do governo. Eles não souberam da assinatura do pré-acordo em junho. "Construir junto às implementações? Eu, na função de líder, não fui convidado. Ainda não aconteceu nada, está tudo parado e sem informações", disse Viceli.



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real

Nonato Carlos da Costa, conhecido como Vicente, tem 68 anos e é presidente da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ele afirmou que, no geral, os moradores ficaram animados com a possibilidade de o projeto ser desenvolvido na RDS, mas que ainda não houve uma reunião com todas as lideranças para decidir sobre a proposta.

"A gente sempre acredita na melhoria não só da nossa comunidade, mas de toda a unidade de conservação." Vicente aguarda agora pela data da reunião de consulta para oficializar o projeto e "levar o povo para que a gente possa entender realmente o que é isso e para que serve".

Na comunidade São Francisco do Bujaru, os moradores vivem de auxílios como o Bolsa Família, que paga 684,27 reais, e o Programa Guardiões da Floresta, uma reestruturação do antigo Bolsa Floresta, que pagou por 14 anos aos moradores das unidades de conservação estaduais 50 reais mensais.

Na prática, as populações tradicionais que assumirem o compromisso formal do desmatamento ilegal zero e a participação em atividades que promovam a conservação serão recompensadas pelo serviço ambiental prestado. O valor do benefício do Guardiões da Floresta é de 12 parcelas de 100 reais por família.

O governo do Amazonas fez a liberação do lote final do primeiro pagamento do programa em setembro de 2023, retroativo a 12 meses. O governo de Wilson Lima afirma que 8.207 famílias foram beneficiadas com um total de 9,8 milhões de reais.

Em 2024, 2.992 famílias receberam o pagamento, também referente a 12 meses, totalizando 3,6 milhões de reais. A iniciativa está inserida no Programa Amazonas 2030, para ser financiado a partir da venda de créditos de carbono.

MELHORIA DAS CONDIÇÕES

Os comunitários de São Francisco do Bujaru trabalham com turismo, serraria de madeira e produtos de agricultura familiar. A presidente da comunidade, Juliane Silva de Oliveira, de 36 anos, afirma que o dinheiro do projeto de crédito de carbono poderia ajudar a construir um posto de saúde, melhorar a infraestrutura de saneamento básico e oferecer empregos aos jovens e às mulheres.

Na seca de 2023, a comunidade, que fica mais no centro da RDS, sofreu com a falta de uma unidade de saúde. "Quando está seco, a gente anda duas horas e meia com uma criança desfalecendo. Não tinha como sair da sua casa para chegar até a cidade", relembra a liderança.

Oliveira reivindica que uma reunião deveria ter sido feita com todos os líderes das comunidades da RDS do Rio Negro para repassar os detalhes da implementação. "Como que vai ser? Vai ter fiscalização para ver se estão realmente preservando a floresta? O dinheiro vai ser repassado de forma correta? Não tem uma clareza", comentou.

Na tranquila comunidade 15 de setembro, onde vivem 55 famílias, o turismo é a maior fonte de recursos. A alta temporada de visitação ocorre entre maio e agosto. Os moradores também vivem de plantações de subsistência, como a mandioca.

A jovem liderança e ativista ambiental Yane Araújo, 25 anos, diz ter dúvidas sobre como os recursos gerados pelos créditos de carbono serão distribuídos e se vão mesmo beneficiar as populações locais. "Será que esse crédito de carbono vai realmente ser investido de forma correta dentro da unidade e para a finalidade do que ele realmente é feito?", questiona.

A percepção da comunidade de Yane é a de que o mercado do carbono vai alavancar as oportunidades de empreendedorismo. No entanto, a liderança, que nasceu na 15 de Se-

tembro, cobra que a empresa e o governo consultem as 19 comunidades da RDS do Rio Negro, "porque temos uma população que precisa estar por dentro de todas as ações que vão ser feitas, do que vai ser investido, do que vai retirado", manifesta.

ASSÉDIO AOS POVOS INDÍGENAS

Os projetos de carbono viraram febre nas empresas, que correm para fechar acordos diretamente com os povos tradicionais, inclusive em aldeias indígenas, como as que ocorrem agora junto aos povos Ashaninka e Munduruku.

Em abril, diante do crescimento de casos de assédio a comunidades, a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) publicou uma nota reforçando orientações para que lideranças indígenas não participem de negociações de crédito de carbono nos territórios.

No ano passado, povos originários e comunidades tradicionais dos estados do Acre, Amazonas, Mato Grosso e Rondônia lançaram um manifesto onde repudiaram os modelos de "economia verde" como o REDD+.

"Estes projetos apresentados como 'verdes' são modelos de falsas soluções para a crise climática, que desrespeitam os direitos dos povos estabelecidos constitucionalmente e em convenções e declarações internacionais, tais como: o direito de consulta livre, prévia e informada e a autodeterminação dos povos.

Estas empresas e governos apresentam uma imagem irreal de como seriam implantados os projetos, para enganar e assediar nossos povos e lideranças a aceitarem como única possibilidade de defesa da natureza", diz um trecho do manifesto.

SEM REGULAMENTAÇÃO

O mercado de carbono foi criado em 1997 como um mecanismo que faz parte do Protocolo de Kyoto, tratado internacional que estabeleceu a redução das emissões de gases de efeito estufa responsáveis pelo aquecimento global. Os créditos de carbono são as cotas de emissão desses gases, que podem ser compradas e vendidas por governos e empresas.

Cada crédito representa uma tonelada de dióxido de carbono (CO_2) que deixou de ser emitida. São duas as modalidades em que este mercado opera: o mercado regulado e o voluntário. O regulado é gerido pelos governos e busca cumprir metas de redução de emissões estabelecidas pelo País. Já o voluntário abrange empresas que compram créditos de carbono para compensar suas emissões ou revender os créditos para outras companhias privadas e países.

No Brasil, o mercado de carbono ainda não é regulamentado. Em outubro de 2023, o Projeto de Lei 412/2022, para realizar a regulamentação, foi aprovado no Senado e seguiu para apreciação na Câmara dos Deputados.

O modelo adotado pelo governo do Amazonas difere de outros projetos da Amazônia Legal.

No Acre, optou-se pela criação de uma empresa pública de capital misto para a negociação de créditos de carbono, com a estruturação da CDSA (Companhia de Desenvolvimento de Serviços Ambientais). A Global Environmental foi contratada para a oferta nos mercados nacional e internacional.

No Tocantins, o governo fez um acordo com a Mercuria Energy Trading S/A, uma empresa suíça de energia, para a comercialização do crédito de carbono no mercado internacional. A ação, que faz parte do Programa REDD+ Jurisdicional do Tocantins, estruturou uma SPE (Sociedade de Propósito Específico) entre a Companhia Imobiliária de Participações, Investimentos e Parcerias (Tocantins Parcerias), o governo do Estado e a Mercuria. A Tocantins Carbono será responsável por conduzir os processos de certificação e tornar o Estado elegível para geração de créditos de carbono.

Em setembro [de 2024], o Pará, sede da COP 30 em 2025, divulgou



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real

a venda de créditos de carbono para a Coalizão LEAF por 180 milhões de dólares.

PRESERVAÇÃO AMEAÇADA

Cientistas alertam para o risco de as atividades do crédito de carbono intensificarem as outras ameaças que a RDS do Rio Negro enfrenta, como a especulação imobiliária, o desmatamento, a venda ilegal de terras e a exploração ilegal de madeira. Em 2020, uma operação conjunta de órgãos ambientais do Amazonas desarticulou um grupo criminoso que atuava em ações de desmatamento ilegal dentro da reserva.

A pesquisadora Aretha Guimarães, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), trabalha há dois anos na reserva e elabora estudos sobre os impactos das mudanças climáticas nas plantas tropicais, com particular interesse nas dinâmicas de carbono da floresta.

Guimarães destaca que um dos riscos identificados nos projetos de crédito de carbono na RDS do Rio Negro pode ser a implementação de um plantio insuficiente em termos de biodiversidade. Na maioria das vezes, os projetos preveem o plantio de seis a dez espécies de árvores, o que, em uma escala amazônica, é completamente insuficiente.

Embora plantas nativas sejam utilizadas nesse processo, dificilmente conseguirão refletir a biodiversidade da região, que abriga de 400 a 60 mil espécies. Isso resulta em uma homogeneização do ambiente, comprometendo a ecologia, a fauna e a flora, além de impactar o modo de vida das comunidades locais. A ocorrência das mesmas espécies de árvores em toda a floresta não é um padrão natural da RDS do Rio Negro.

"A floresta nativa em pé tem outras funções ecológicas para os animais, para as pessoas e para o clima que não são só o sequestro de carbono. Corre o risco de acontecer uma homogeneização daquele ambiente que antes era diverso, e isso traz uma série de consequências para o ambiente, como a perda de biodiversidade, a princípio de árvores e de espécies de animais", explica.

A pesquisadora indica ainda a entrada de uma série de problemas sociais associados com a chegada do desenvolvimento social prometido pelo mercado de carbono, o que pode acarretar situações de ameaça aos ribeirinhos.

"Essas questões estão afetando a biodiversidade e o modo de vida das comunidades tradicionais da RDS. Elas começam a não poder andar com liberdade interagir da mesma forma com a natureza, porque têm medo da entrada ilegal de pessoas", analisa a pesquisadora.

À reportagem, o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) declarou que a Comissão Nacional de REDD+ (CONAREDD+), presidida pelo MMA, é responsável pela coordenação desta política e está atualizando a Estratégia Nacional para REDD+. O objetivo é estabelecer diretrizes para o desenvolvimento de múltiplas abordagens para esses tipos de projetos, gerando a mitigação climática e a proteção e garantia de direitos territoriais de povos indígenas e comunidades tradicionais.

Na Secretaria Executiva da CONAREDD+, o MMA declarou estar direcionando as discussões para definir regras e diretrizes para programas jurisdicionais de REDD+ e projetos privados de carbono florestal que sigam a Estratégia Nacional para REDD+ (ENREDD+).

O Ministério explicou que, no nível federal, a estratégia de REDD+ é focada em pagamentos por resultados, que envolvem a cooperação entre países, mas sem acordos comerciais diretos para a venda de créditos de carbono. Ou seja, o governo federal não se



Foto: Alex Pazuello/Secom AM

envolve diretamente em projetos de mercado de carbono.

As estratégias que envolvem projetos de mercado voluntário de créditos de carbono, como o REDD+, são geridas pelos estados e outras organizações de maneira independente. Isso significa que cabe aos governos estaduais, como o do Amazonas, implementar e gerenciar seus próprios projetos de REDD+, consulta e os benefícios às comunidades locais. O Ministério atua de forma indireta nesses projetos, deixando a responsabilidade da implementação aos estados.

FINANÇAS CLIMÁTICAS

O governo do Amazonas defende o projeto como estratégia para a preservação e geração de recursos. O secretário do Meio Ambiente no Amazonas, Eduardo Taveira, afirma que o mercado de crédito de carbono é essencial para as "finanças climáticas" do estado.

Em maio, o governador Wilson Lima apresentou os projetos à Verra, maior certificadora de créditos de carbono do mundo, em um encontro com representantes do Banco Mundial em Washington, Estados Unidos.

"O governo do Amazonas reafirma que não há projetos de REDD+ contratados ou em andamento em nenhuma Unidade de Conservação Estadual", declarou a Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema). Em resposta à reportagem da *Amazônia Real*, o órgão informou que o processo de Consentimento Livre, Prévio e Informado (CLPI) será iniciado quando a seca amenizar e os rios voltarem a níveis que possibilitem o tráfego fluvial entre as comunidades.

As primeiras reuniões junto às lideranças comunitárias estavam previstas para ocorrer a partir de novembro na RDS do Rio Negro, com objetivo de mobilizar os moradores para as consultas, previstas para iniciar em fevereiro de 2025.

O órgão estadual reforçou que todos os moradores que usufruem da RDS do Rio Negro serão incluídos nas consultas públicas, nos termos da Convenção 169 da OIT, observando as peculiaridades e os requisitos normativos e culturais junto aos povos e comunidades tradicionais na área de abrangência. As reuniões terão calendário amplamente divulgado pela Secretaria e com apoio das lideranças e associações de base, "de modo a garantir as salvaguardas socioambientais e a repartição justa de benefícios para as populações tradicionais das localidades em questão".

O contrato definitivo de implementação só será firmado após o CLPI, com a aprovação e anuência das comunidades em plenária. O órgão ambiental ressaltou que as ações relacionadas a crédito de carbono e REDD+ no Amazonas seguem todas as legislações aplicáveis ao mercado voluntário e jurisdicional, "em uma construção técnica e legal que ocorre desde 2019, sendo feita de forma cuidadosa e criteriosa".

As comunidades da RDS do Rio Negro, por sua vez, resistem. Para elas, a floresta não é uma mercadoria e a preservação já faz parte de seu cotidiano. A degradação da floresta não apenas acabaria com a economia do turismo ecológico, mas também com a principal fonte de sobrevivência das comunidades ribeirinhas que dependem do ecossistema da RDS.

"A morte da floresta é a morte da nossa vida, a gente vive dentro da floresta, e a floresta traz os benefícios para que a gente possa se autossustentar", afirma a jovem ativista ribeirinha Yane Araújo, em meio ao sentimento de incerteza e luta que permeia as margens do Rio Negro.

Marlene Alves da Costa é esperançosa na nova geração e cobra pela formação dos jovens ribeirinhos da comunidade em cursos, para informar sobre os procedimentos do mercado de crédito de carbono. "Hoje nós temos água, ar bom, mas e no futuro? Minha preocupação é que formem meus filhos e outros jovens para eles adquirirem esse conhecimento e preservarem o futuro dessa reserva."



Nicoly Ambrosio – nicoly@amazoniareal.com.br – Jornalista, formada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e fotógrafa independente residente na cidade de Manaus. Como repórter, escreve sobre violações de direitos humanos, conflitos no campo, povos indígenas, populações quilombolas, racismo ambiental, cultura, arte e direitos das mulheres, dos negros e da população LGBTQIAPN+. Matéria publicada no site da Amazônia Real em outubro de 2024: https://amazoniareal.com.br/especiais/rds-do-rio-negro/

FEVEREIRO NA FLORESTA SEGUNDO O CALENDÁRIO ASHANINKA

Manuela Cardoso da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida



Foto: Divulgação/ Wikimedia

Os frutos do buriti estão caindo e as antas andam muito nos buritizais: elas chegam a ficar com a banha amarelada de tanto comer buriti.

É um bom tempo para caçar; as folhas secas do verão apodreceram com a chegada das águas e misturaram-se ao barro, por isso já não fazem zoada ao serem pisadas e o caçador pode chegar mais perto dos bichos sem ser notado.

A pupunha está amarelecendo quando os filhotes das araras estão empenando. As araras por sua vez estão magras e com as penas feias porque estão cuidando dos filhotes.

As flores da copaíba marcam o auge da estação chuvosa.



Manuela Carneiro da Cunha – Antropóloga. *Excerto do livro Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá:* Práticas e Conhecimentos da Populações, Companhia das Letras, 2002.



Mauro Almeida – Antropólogo. *Excerto do livro Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá:* Práticas e Conhecimentos da Populações, Companhia das Letras, 2002.



Foto: Divulgação/

SAIBA O QUE MUDA NA APOSENTADORIA EM 2025

As regras de transição impostas pela Emenda Constitucional 103 de novembro de 2019, conhecida como Reforma da Previdência, feita na gestão de Jair Bolsonaro, passarão por ajuste na idade para os segurados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que já estavam filiados ao Regime Geral de Previdência Social (RGPS), em 2025. No entanto, as regras e a forma de cálculo para aposentadoria no próximo ano não vão mudar.

O ajuste da idade será feito na aposentadoria por tempo de contribuição – transição por idade, que a cada ano acrescenta 6 meses até atingir a idade de 62 anos para mulher e 65 anos para o homem. No ano de 2025, a idade mínima para a mulher será de 59 anos e 30 anos de tempo de contribuição, e, para o homem, de 64 anos e 35 anos de tempo de contribuição.

No entanto, a regra de transição do pedágio de 50% não precisa da idade mínima. Já a transição de 100% tem a idade mínima de 57 anos para mulheres e 60 anos para homens. Essas duas regras não sofrerão o ajuste anual. Todas as normas trazidas com a Reforma da Previdência de 2019 podem ser conferidas no site do INSS.

SIMULAÇÃO DE APOSENTADORIA

Saber quanto tempo falta para aposentar e as exigências para pedir o benefício é simples: basta acessar o aplicativo ou site Meu INSS (https://meu.inss.gov.br/#/login) e fazer a simulação de aposentadoria.

Para este acesso é necessário ter login e senha, tanto na página do INSS na internet quanto no aplicativo, que pode ser baixado gratuitamente no celular (sistemas Android e iOS). A ferramenta disponível no Meu INSS leva em consideração as diferentes regras de idade e tempo de contribuição. Ao clicar na seta lateral de cada modalidade, é possível ver os detalhes dessas regras.

É importante destacar que a simulação feita no Meu INSS não garante direito à aposentadoria. Isso ocorre porque algumas informações podem não ter sido incluídas ou ter sido alteradas durante o processo. Ao solicitar o benefício, o INSS pode pedir que os segurados apresentem outros documentos para comprovar os períodos de trabalho e de contribuição, são eles que fazem diferença na aposentadoria. Portanto, é importante conferir o Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS) e verificar se os registros estão corretos.

O CNIS é o principal documento dos segurados. Nele estão as entradas e saídas em empresas ou órgãos públicos, contribuições, licenças, afastamentos. Ou seja, toda a vida laboral do segurado é registrada nesse documento.

COMO USAR A FERRAMENTA NO COMPUTADOR E NO CELULAR	
Simulação no computador	• Entre no site meu.inss.gov.br e digite seu CPF e senha. Caso não tenha senha, cadastre uma; • Vá em "Serviços" e clique em "Simular Aposentadoria" • Confira as informações que aparecerão na tela. O site vai mostrar sua idade, sexo e tempo de contribuição, além de quanto tempo falta para aposentadoria, segundo cada uma das regras em vigor
Simulação no celular	• Baixe o aplicativo **Meu INSS** • (disponível para Android e iOS) • Se necessário, clique no botão "Entrar com gov.br" e digite seu CPF e senha. Caso não tenha senha, cadastre uma • Abra o menu lateral (na parte superior esquerda) e clique em "Simular Aposentadoria" • Cheque as informações que aparecerão na tela. O site vai mostrar sua idade, sexo e tempo de contribuição, além de quanto tempo falta para a aposentadoria, conforme as regras em vigor • Caso precise corrigir algum dado pessoal basta clicar no ícone de lápis (à direita)
Observação	Para salvar o documento com todos esses dados clique em "Baixar PDF"

CONFIRA O QUE MUDA

1. Aposentadoria por tempo de contribuição – Regra de pontos – Necessidade de possuir tempo mínimo de contribuição e de atingir uma pontuação obtida por meio do somatório da idade e do tempo de contribuição; a pontuação será acrescida de um ponto a cada ano até atingir o limite de 100 pontos para mulher e 105 pontos para homem.

#	Mulher	Homem
Tempo de contribuição mínimo	30 anos	35 anos
Somatório da idade e do tempo de contribuição	92 pontos em 2025	102 pontos em 2025

2. Aposentadoria por tempo de contribuição – Regra da idade mínima com acréscimo progressivo + tempo de contribuição – É preciso ter tempo mínimo de contribuição e idade mínima. A idade será acrescida de 6 meses a cada ano até atingir o limite de 62 anos para mulher e 65 anos para homem.

#	Mulher	Homem
Idade Mínima	59 anos em 2025	64 anos em 2025
Tempo de contribuição mínimo	30 anos	35 nos

3. Aposentadoria do professor – Regra de pontos – Necessidade de possuir um tempo mínimo de contribuição em efetivo exercício da função de magistério e de atingir uma pontuação obtida por meio do somatório da idade e do tempo de contribuição. A pontuação será acrescida de um ponto a cada ano até atingir o limite de 100 pontos para mulher e 105 pontos para homem.

#	Mulher	Homem
Tempo de contribuição mínimo como professor	25 anos	30 anos
Somatório da idade e do tempo de contribuição	87 pontos em 2025	97 pontos em 2025

4. Aposentadoria do professor – Regra da idade mínima com acréscimo progressivo + tempo de contribuição – Necessidade de possuir um tempo mínimo de contribuição em efetivo exercício da função de magistério e uma idade mínima. A idade será acrescida de 6 meses a cada ano até atingir o limite de 57 anos para mulher e 60 anos para homem.

#	Mulher	Homem
Idade Mínima	54 anos em 2025	59 anos em 2025
Tempo de contribuição mínimo como professor	25 anos	30 anos

VEJA O QUE NÃO MUDA

1. Aposentadoria por tempo de contribuição – Regra da idade mínima + tempo de contribuição mínimo com pedágio de 100% – Necessidade de possuir uma idade mínima, um tempo mínimo de contribuição e de cumprir um período adicional de contribuição correspondente ao tempo que, na data de entrada em vigor da Emenda Constitucional 103, de 2019, faltaria para atingir o tempo mínimo de contribuição.

#	Mulher	Homem
Idade Mínima	57 anos	60 anos
Tempo de contribuição mínimo	30 anos	35 anos
Pedágio	100% do tempo que faltava em 13/11/2019 para atingir 30 anos de contribuição	100% do tempo que faltava em 13/11/2019 para atingir 35 anos de contribuição

2. Aposentadoria por tempo de contribuição – Regra do tempo de contribuição mínimo com pedágio de 50% – Necessidade de possuir um tempo mínimo de contribuição e de cumprir um período adicional correspondente a 50% do tempo que, na data de entrada em vigor da Emenda Constitucional nº 103, de 2019, faltaria para atingir o tempo mínimo de contribuição.

#	Mulher	Homem
Tempo de contribuição mínimo	30 anos	35 anos
Pedágio	50% do tempo que faltava em 13/11/2019 para atingir 30 anos de contribuição	50% do tempo que faltava em 13/11/2019 para atingir 35 anos de contribuição

Fonte: CUT via *https://bancariosdf.com.br/portal/saiba-o-que-muda-na-aposentadoria-em-2025/*

SOMBRAS ADORMECIDAS

Antenor Pinheiro, especial de *Puntarenas*, Costa Rica

As areias de Puntarenas são sombras suaves desenhadas pelo tempo, um tapete negro onde o oceano derrama sua espuma prateada. São vestígios de fogo e lava, memórias ancestrais dos vulcões que um dia rugiram ao céu. Sob o sol dourado, ao entardecer, tornam-se o espelho das noites tropicais. Cada grão, um segredo, cada onda, um sussurro - e quem as pisa sente o pulsar da terra em seus pés. Aos olhos formam sombras adormecidas, grãos escuros que sussurram segredos vulcânicos, filhas do fogo e do tempo, moldadas pelas marés. Tapete de carvão reluzente, onde o sol dança em brilhos de ônix líquido, e as ondas, amantes inquietas, beijam sua pele. Aqui, a terra conta histórias de lavas que um dia arderam nos céus, agora suaves, frias, embaladas pelo vento. Sim! As areias negras de Puntarenas tecem histórias de fogo e mar, grãos de terras ardentes a se acalmar. São sombras que beijam as ondas, mistério bordado na espuma branca, no abraço do tempo e das marés, onde o passado em silêncio dança. Cada passo afunda num sonho antigo, traços de lava em descanso e paz, um chão de estrelas caídas do céu, que o sol ao entardecer refaz.



Antenor Pinheiro – Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.



Foto: Antenor Pinheiro/

O EMBRANQUECIMENTO DE JOAQUIM

Iêda Leal

Este texto, publicado no Caderno 2 da Coleção "História do Negro no Brasil", pela Revista Caros Amigos, é do historiador, professor e sambista Joel Rufino dos Santos (1941-2015), um dos grandes estudiosos da cultura do povo negro no Brasil.

Por meio dele, o escritor negro, carioca do subúrbio de Cascadura, filho de pernambucanos, por toda sua vida militante da causa negra, autor de mais de 50 livros, coloca o dedo na ferida e nos faz refletir sobre um tema que nos indigna, nos incomoda e nos inquieta: o embraquecimento de lideranças negras ao longo da História.

Didático, o autor da biografia de Zumbi dos Palmares, publicada em 1985 pela Editora Moderna, Joel Rufino resume, em menos de uma lauda, o processo de embranquecimento de Machado de Assis, nosso maior escritor negro de todos os tempos. Vale a pena ler e refletir:

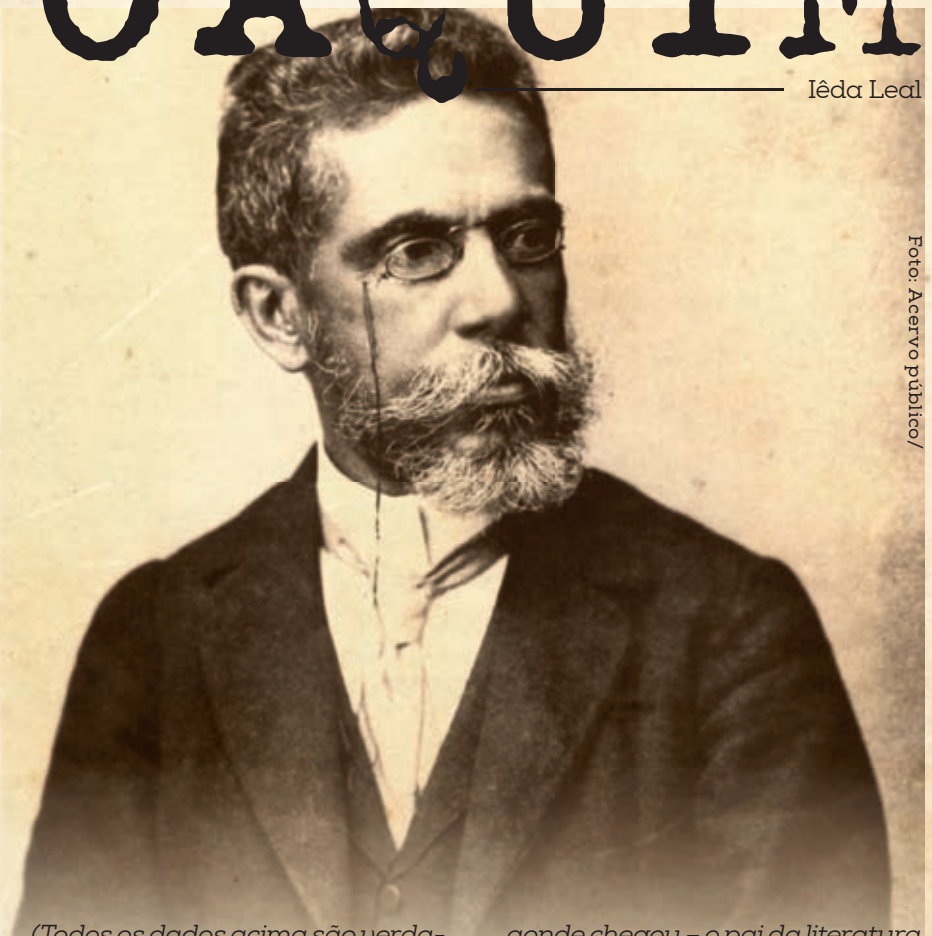


Foto: Acervo público/

No dia glorioso da fundação da Academia Brasileira de Letras (20 de julho de 1897, houve festa desde cedo. Correspondentes estrangeiros receberam o folheto sobre seu presidente: obras principais, idade, local de nascimento.

Na entrevista coletiva, o representante da Associated Press, que acha poucos aqueles dados, levantou a mão para perguntar em que freguesia da cidade precisamente viera ao mundo, quem eram seus pais. Um colega veterano, do Corriere della Sera, o advertiu ao pé do ouvido: "Morro do Livramento, centro. Mas não gostam de falar nisso aqui. E outra coisa, é filho de um pintor preto com uma lavadeira portuguesa. Para todos os efeitos, o homem é branco. Aqui não se usa a palavra mulato pra pessoas importantes. Não cometa essa gafe."

(Todos os dados acima são verdadeiros. O diálogo dos jornalistas estrangeiros é imaginação. Não se faz história sem ela).

Como todo mulato, Joaquim Maria era meio negro, meio branco. Perdera a mãe cedo, foi criado por uma preta doceira, Maria Inês.

No Livramento, em pequenas chácaras que abasteciam a cidade, moravam, como agregados, operários, desempregados, biscateiros, burros-sem-rabo puxadores de carrocinha. Meio caminho entre a vida do campo e da cidade, do Livramento se via ali perto o Morro da Favela, a mais antiga.

Conforme se tornou importante e admirado, na maturidade, os retratos de Joaquim Maria foram retocados para esconder a pele escura, o cabelo, o nariz. Para chegar aonde chegou – o pai da literatura brasileira, presidente perpétuo da Academia Brasileira de Letras – era natural que fosse branco. Tanto que Joaquim Nabuco, seu amigo, ficou aborrecido quando Joaquim Maria morreu e um jornal lembrou que ele era mulato. Para Nabuco, uma ofensa.

No entanto, é assim, sem ofensa, que o famoso crítico americano, Harold Bloom, o situa:

"O gênio da ironia propiciou-nos poucos exemplos à altura do escritor afro-brasileiro Machado de Assis, a meu ver, o maior literato negro surgido até o presente."



Iêda Leal – Dirigente do Movimento Negro Unificado. Conselheira da Revista Xapuri.



A GOTA D'ÁGUA

Altair Sales Barbosa

Foto: divulgação

Quanto tempo leva uma gota d´água durante a sua existência para se precipitar no mesmo local ao menos duas vezes? Embora a pergunta à primeira vista pareça absurda, isso é possível de acontecer.

Independente do seu conteúdo, a probabilidade confirma ser possível que a mesma gota d´água venha a cair no mesmo local, seja deserto, rios, oceanos, folhas das árvores, telhados etc. E, depois de um longo ciclo de milhares ou bilhões de anos, eis que a mesma gotinha se precipita no mesmo local.

Pode ser que o local esteja modificado com o tempo e o magnetismo tenha mudado as coordenadas geográficas. Porém, aquele mesmo local um dia atingido por uma gota d´água pode vir a ser atingido pela mesma gota d´água uma segunda vez.

A viagem conduzida por este raciocínio é muito longa e cheia de encruzilhadas, mas foi utilizada para mostrar a importância de uma gota de água, que forma rios, chuvas, lagos e oceanos, ou se encontra retida dentro de um geodo de cristal.

Por isso, na verdade, uma gota d´água é uma página de um livro, que possui muitos volumes, e eles compõem bibliotecas, o verdadeiro Livro da Terra. Através do conteúdo de uma gota d´água, pode-se retirar informações preciosas sobre a história do planeta.

Se, todavia, uma gota d'água pode dar informações preciosas, imaginem quantas informações podem ser retiradas da atmosfera, da hidrosfera, da litosfera e da biosfera. São esses os componentes que formam as incontáveis páginas da história do Planeta Terra (...).

Mas o que significa ser apenas uma gota d´água? É que sem ela não existiria a atmosfera, também não existiriam os oceanos e toda a hidrosfera. A inexistência desses impediria a existência da litosfera, que por sua vez impediria a existência da biosfera e não teríamos assim a gota d´água.

O CAMINHO DA ATMOSFERA

Acima da litosfera e da hidrosfera, componentes da crosta terrestre, também chamada de estenosfera, encontra-se um conjunto de elementos, com diversos componentes físicos e químicos, cuja existência é responsável pela vida na Terra e em parte por suas feições geomorfológicas.

A esse conjunto de elementos, que varia desde o nível do mar até 800 km de altura, dá-se o nome de atmosfera. Portanto, a atmosfera é uma camada gasosa que envolve o planeta Terra em toda a sua expansão.

Não se nos apresenta homogênea, mas dividida em camadas definidas que variam de temperatura e composição. Essa variação tem como base os tempos atuais, porque em eras mais remotas a composição apresentava maior variação e outras formações.

Atualmente, pode-se organizar a atmosfera terrestre em camadas, partindo do nível do mar em direção ao espaço sideral. Essas camadas são assim denominadas: troposfera, estratosfera, mesosfera, termosfera e exosfera.

TROPOSFERA

A troposfera é a primeira camada da atmosfera. A partir do nível do mar, essa camada pode atingir de dez a doze mil metros de altura, sendo que essa variável depende da geomorfologia.

Por exemplo: a troposfera é mais espessa a partir do nível do mar e menos espessa a partir das altas cadeias de montanhas; da mesma forma, sua composição e temperatura se alteram tanto em relação à latitude como em relação à altitude.

Atualmente, a troposfera terrestre é composta por cerca de 78% de nitrogênio, 21% de oxigênio e 1% de outros gases como o dióxido de carbono, óxido nitroso, dióxido de nitrogênio, gás metano, ozônio e vapor de água.

Essa composição, entretanto, nem sempre foi feita dessa forma, houve grandes variações durante os diversos períodos da história geológica da Terra. Por exemplo, na aurora do Planeta, o teor de dióxido de carbono chegava a 99%. Esse material, posteriormente, foi sequestrado pelos mares primitivos, dando origem aos calcários hoje existentes na Terra.

É na troposfera onde ocorrem os maiores fenômenos naturais ou meteorológicos, como vento, chuva, neve, relâmpagos etc. A temperatura dessa camada é muito variável, situando entre 40ºC e 60ºC.

ESTRATOSFERA

A estratosfera é a segunda camada da atmosfera a partir do nível do mar. Vai desde os limites da troposfera e pode alcançar a altitude de 50 km. Variando também de temperatura, de acordo com a altitude, indo de -5ºC a 70ºC.

O principal componente dessa camada é o ozônio, com níveis de 85% a 90%. Mas nem sempre foi assim. Esse gás começou a se formar durante o período geológico conhecido como Permiano, por volta de 300 milhões de anos antes do presente.

Nessa época, o oxigênio constituía cerca de 20% da atmosfera. Durante esse período, uma forte radiação solar quebrou as ligações entre os átomos e oxigênio, fenômeno conhecido como fotólise, dando origem ao ozônio, que é uma combinação desses átomos com moléculas de oxigênio O3, e após esse processo passou a formar uma camada específica entre 25 e 30 km de altura.

A camada de ozônio é a responsável por diminuir os efeitos nocivos da radiação solar sobre a Terra, inclusive protegendo a vida da ação dos raios ultravioleta. Por essa razão é que a partir dessa época houve uma explosão da vida sobre a Terra, possibilitando inclusive a colonização das partes continentais, tanto por comunidades vegetais, como também por animais.

Além do ozônio, outros gases com proporção menor entram na composição da estratosfera: óxido de azoto N2O, metano CH4, clorofluorcarbonetos CFC, gases liberados por atividades vulcânicas, ácidos de



Foto: NASA/ Wikimedia

halógenos, dióxido de enxofre, ácido sulfúrico, este último é importante para a formação das nuvens. Outra observação importante é salientar que todos são gases de vida longa.

MESOSFERA

Logo acima da estratosfera, numa altitude situada entre 50 e 80 km e com temperaturas que variam entre -10º C até -100º C, situa-se a mesosfera, camada da atmosfera na qual se concentram os íons, que são partículas elétricas para a transmissão das ondas sonoras de rádios e sinais de TV.

Nessa camada também ocorre o fenômeno da luminescência, que consiste na queima de gases, provocando flashes de luminosidades, tanto no período diurno quanto no noturno.

TERMOSFERA

Em termos puramente lineares, apenas para reforçar o raciocínio aqui utilizado, encontra-se logo acima da mesosfera a camada denominada termosfera, que pode chegar a uma altitude de 500 km acima do nível do mar. É basicamente composta por raras moléculas de ar; por essa razão, a radiação solar é muito mais intensa, fazendo com que as temperaturas atinjam facilmente a casa dos 1000º C.

EXOSFERA

Acima dos 500 km de altitude encontra-se a exosfera, camada que antecede o espaço sideral e que, segundo alguns estudos, pode atingir até 800 km de altura e é formada basicamente por Hélio e Hidrogênio. A título de curiosidade, é nessa camada que se encontram os satélites artificiais e os telescópios espaciais.

MAGNETOSFERA

Atualmente, é perfeitamente conhecida a dinâmica dos ventos solares. Sabe-se que o sol irradia em todas as direções um vento com velocidades de 300 a 900 km por segundo.

Esses ventos geralmente carregam radiações nocivas e, se atingissem a superfície da Terra, arrasariam tudo o que existe de vivo no Planeta e ainda poderia provocar a evaporação das águas oceânicas e outras águas superficiais. Entretanto, isso não ocorre porque a Terra possui um escudo magnético protetor.

Esse campo magnético recebe o impacto dos ventos solares e os rebate, os absorve, permanecendo envolto neles. Essa bolha magnética é considerada por alguns meteorologistas como mais uma camada da atmosfera, talvez a última recebendo a denominação de Magnetosfera.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Excerto de *O Livro da Terra*, Gráfica e Editora América, 2019.

A PRAÇA RUY BARBOSA

Alfredo A. Saad

No local onde hoje é a praça, existia o cemitério do Arraial de Couros; depois, com o crescimento da cidade, preferiram afastar os mortos, e, no ângulo noroeste daquela praça vazia, construíram a segunda igreja, a matriz, que ficou pronta em 1838 e durou até 1915, quando foi demolida, pois estava praticamente em ruínas.

Com o tempo, para manter a igreja afastada dos muros, ficou ali uma reentrância no alinhamento das casas, por isso a praça não é perfeitamente retangular.

No recortado onde estava a matriz – a única igreja da cidade, até a década de dez, no século vinte, um fato raro na história do Brasil – para comodidade dos fiéis, o proprietário do terreno permitiu que se abrisse um caminho que ligava os fundos do templo à rua Visconde.

Esse caminho que varava o quintal, tornou-se a travessa 1º de Junho, mais tarde rua Hugo Lobo.



Alfredo A. Saad (1938-2011) – Jornalista e escritor formosense, em Álbum de Formosa – um ensaio de história de mentalidades, obra póstuma, publicada pela família em 2013.



Foto: Acervo público/



Foto: Acervo Bloco Não é Não

SALVE O CERRADO, O BERÇO DAS ÁGUAS: ABRAM ALAS PARA O BLOCO NÃO É NÃO!

Laurenice Noleto, Lúcia Pedreira

Todo santo ano, todo Carnaval, lá vai o Bloco, pelas avenidas de Goiânia. Na bandeira: "Não é Não"! Formado na sua maioria por mulheres, de todas as idades, leva para as ruas temas fortes de luta, associados à leveza feminina.

Lá vão elas! Olhares desafiadores, sorrisos nos lábios, rebolando cheias de graça, sensualizando dentro das fantasias carnavalescas; brilham, exaltam a folia, rodopiam, desfilam.

Lá vão elas, apoiadas por parceiros que acreditam que o mundo pode ser melhor. O Bloco Não é Não carrega na essência o combate ao assédio contra as mulheres, especialmente, contra as nossas meninas e adolescentes.

Lá vão elas, de todos os nomes, todas as cores e origens. Se exibem nas ruas, porque são livres, são libertadoras. São audaciosas e não poderiam ser diferentes, para romper as barreiras da ignorância, do preconceito. Não pedem licença para passar, carregam flores, abrem alas, distribuem alegria, sambam.

Lá vão elas! Escancaram a realidade, apitam pelo respeito, alertam para a prevenção da violência, combatem o feminicídio.

Lá vai o Bloco Não é Não! Segue o Carnaval na capital goiana, ocupa bares e praças. Leva ao público temas irreverentes, instigantes. Reverenciam personalidades femininas, ativistas, defensoras da igualdade de gênero e de raça.

Lá vai o Bloco Não é Não, formado por mulheres talentosas e criativas. Elas usam o talento, a diversidade das cores, para mostrar que a esperança existe, que a utopia não pode acabar.

Lá vão elas, revolucionárias, usam a estética do Carnaval para tratar assuntos polêmicos. Fora da folia, ocupam as ruas o ano inteiro, apoiam vítimas da violência, protestam, exigem justiça social. O Bloco brinca, dança e fala de coisas sérias, com arte e beleza.

Lá vão elas, já há sete anos, enchendo de beleza e poesia a luta de todas as mulheres, incluindo agora também a Mãe Natureza, por melhores dias.

Lá vai o Bloco, levantando a bandeira em defesa do segundo maior bioma da América do Sul: o Cerrado, o berço das águas do Brasil. Elas vão representando a flora e fauna deste universo que enfeita o território goiano.

Lá vai o Bloco Não é Não!

SALVE O CERRADO, O BERÇO DAS ÁGUAS!

Neste ano de 2025, o Bloco Feminista Não é Não leva para o Carnaval de Goiânia o tema: Salve o Cerrado, o berço das águas! As alas da folia vão mostrar ao público, por meio das fantasias, a beleza e o encanto de um dos maiores biomas do mundo.

A folia leva também o grito de socorro, um alerta para que as pessoas ajudem na preservação da fauna e da flora. Evitar os incêndios e o desmatamento são ações cruciais para salvar a natureza prodigiosa, que precisa urgentemente de cuidado, de ser conservada.

O Bloco Não é Não mostra no enredo que o "Cerrado não é apenas um bioma, é um tesouro cultural que abriga comunidades originárias e tradicionais, responsáveis pela preservação das águas e dos saberes que mantêm o equilíbrio do meio ambiente".

Ao som dos tambores, no ritmo dos equipamentos de percussão, o Bloco vai às ruas acompanhado dos grupos Coró de Pau e Coró Mulher. Também é parceiro local o Circo Laheto, e ainda conta com a colaboração da dançarina e coreógrafa Cláudia Lúcia, além de DJs feministas como Gabi Matos e Iara Kevene.

O Carnaval 2025 do Bloco Não é Não é o palco de reflexão na defesa do segundo maior bioma da América do Sul. Levantamento do MapBiomas aponta que 42% da área agrícola do Brasil estão no Cerrado, ocupando cerca de 23,4 milhões de hectares. Tombado pela Unesco, como Patrimônio Mundial, ele está presente em 10 estados, e a maior perda da vegetação nativa é registrada em Goiás, Tocantins e Mato Grosso.

Dados apurados pela Universidade Federal de Goiás relatam que, na última década, o Cerrado brasileiro, que possui uma das maiores biodiversidades do mundo, perdeu um milhão de hectares. A destruição é mostrada todos os anos, com imagens chocantes de incêndios e desmatamento.

Em Goiás, os quase 2 milhões de quilômetros quadrados de plantas nativas sofrem a ameaça constante da destruição. São os ipês, cajueiros, pequizeiros e tantas outras espécies, que já nascem adaptadas pela própria natureza para suportarem as intempéries do clima da região, da estiagem, mas não resistem à devastação provocada pelo fogo e pela abertura de novas áreas destinadas à agropecuária.

O Cerrado é habitat de milhares de espécies de animais e vegetais e abrigo das águas do Brasil. Hoje, a fauna sofre, inúmeros bichos morrem – muitos já extintos –, os rios e inúmeras nascentes são afetadas.

A devastação da vegetação campestre e das árvores nativas, com caules tortuosos e cascas grossas, provoca o assoreamento e, consequentemente, a deterioração dos leitos dos rios, que correm o risco de sumirem.

"O compromisso com a causa do Cerrado vai além do Carnaval, é o motor que nos move a cada dia, por isso lutamos por ele e por nossas raízes culturais. O Cerrado é o berço das águas que abastecem o Brasil, é o bioma vital para o equilíbrio do planeta e da vida de todos nós. Agora, ele precisa de nós, assim como precisamos dele ", ressalta Cida Alves, coordenadora do Bloco Não é Não.



Laurenice Nonô Noleto – Jornalista e escritora. Integrante do Bloco Não é Não. Conselheira da *Revista Xapuri*.



Lucia Pedreira – Jornalista. Integrante do Bloco Não é Não



Foto: Acervo Bloco Não é Não



Foto: TaQuiPraTi

REZA, FOFOCA E TERAPIA:
A VELHICE COMPARTILHADA

José Bessa Freire

"Pesquisas do seríssimo British Medical Journal mostram os benefícios da reza em diferentes condições patológicas."

Contardo Calligaris, ateu, em *O poder da reza*, 2006

– Gente, evitem tomar chá! Cada saquinho de chá libera milhões de nanoplásticos que se infiltram nas células do corpo e causam câncer.

Esse alerta da minha irmã caçula no grupo de oração soou como um alarme. Mas lembrei que há mais de dez anos, quando a overdose de cafeína me causou distúrbios gastrointestinais, foi essa mesma irmã que me fez trocar definitivamente o café pelo chá agora por ela condenado. Assustado, gemi com voz desalentada:

– Pelo amor de Deus, Maria do Céu! O autor dessa pesquisa é confiável?

– É um cientista da **Universidade A-ME-RI-CA-NA de Ohio** – ela falou. Falou assim, em negrito, escandindo as sílabas em letras maiúsculas para conferir autoridade ao pesquisador. A prova – enfatizou – é a Família Real Britânica que toma chá diariamente e, por isso, foi destroçada pelo câncer: o rei Charles, a Kate Middleton, a duquesa de York Sarah Ferguson, a princesa Victoria, os reis Edward VII e VIII... Verifica lá no *Google*.

Verifiquei. Confirmado. A nobreza reza nas últimas quatro letras, mas está toda com câncer. Ora, se isso acontece com a realeza da Inglaterra, o que não fará com o corpo de um pobre plebeu cheio do chá invadido durante dez anos por trilhões de microplásticos? Vai ver, foi assim que cresceu o tumor maligno na minha próstata controlada depois pela radiote-

rapia. Ohio que o parta! Chá? Nunca mais. Essa decisão tomada durante a reza, quando o profano se sacraliza, pode ser entendida, se examinamos a composição, a organização e o funcionamento do grupo de oração.

REZO-TERAPIA

Dos 13 filhos da dona Elisa – 9 mulheres e 4 homens – um deles, Domingos, morreu afogado em 1958 aos três anos de idade e Glória, a mais velha, aos 90 anos, deixando saudades imorredouras. Os 11 ainda vivos compartilham a velhice em reuniões, que no início eram semanais, mas se tornaram diárias desde 2020, quando o coronavírus começou a se espalhar pelo Brasil.

O encontro diário via *zapp*, que dura em média 60 minutos, entrecruza orações e reflexões teológicas de leigos com relatos sobre doenças e remédios, troca de receitas caseiras e de experiências culinárias, notícias sobre filhos, netos, parentes, amigos e vizinhos, lembranças da longínqua infância, comentários sobre a situação política do país e do mundo.

É uma terapia de grupo, que receita fármacos para a alma e para o corpo, as almas estão vendendo saúde, mas os corpos precisam recauchutagem em oficina mecânica, alguns até de reboque.

O humor predomina nas diversas etapas da oração. A gente ri da gente e das nossas sequelas. Funciona assim: no final de cada tarde, a administradora do grupo chama irmãs e irmãos pelo *zapp*. Enquanto aguardamos a entrada dos atrasados, surgem anúncios como esse do chá. As notícias-bombas são geralmente dadas pela caçula, com 62 anos. É ela quem toca o terror.

Outro dia, na reza de Natal, ela trouxe uma novidade. A banana – imaginem só, a ba-na-na! – foi condenada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) por ser fruta portadora do potássio, que potencializa doenças renais, além de conter tiramina, um aminoácido que provoca enxaquecas. Exibiu prova irrefutável:

– Nos Estados Unidos, o preso condenado à morte recebe uma injeção de cloreto de potássio, que provoca parada cardíaca e ceifa sua vida em menos de um minuto. O potássio da banana, em excesso, mata. Precisa muito cuidado com aquele biquinho preto na extremidade, é lá que se concentra o veneno.

O fato é muito mais complexo, segundo outra irmã, farmacêutica e bioquímica, mestra em Patologia Tropical, doutora em Bioética, especializada em parasitoses, protozoários e amebas. No entanto, por via das dúvidas decidi: Banana? *Never more*. Eu, hein!

REMÉDIO DO CORPO

Felizmente tem aquelas irmãs como a terceira da lista, que vivia em consultório médico e consumia remédios de farmácia como se fossem roupa ou pão, mas agora graças ao grupo de oração descambou para os fitoterápicos. Ela mesma defendeu uma mezinha para combater a fadiga ocular: cobrir um pepino com bicarbonato de sódio, cortá-lo em pedacinhos com um limão e uma laranja, triturar no liquidificador e tomar o suco em jejum. A amiga dela, a Lucilene, que era míope e vesga, tomou a gororoba e depois do sétimo dia jogou fora os óculos.

A irmã mais velha, atual matriarca, recomenda a quem não



Foto: TaQuiPraTi



Foto: TaQuiPraTi

gosta de pepino, que faça a ginástica para os olhos. Um dos exercícios visuais diários é abrir e fechar as pálpebras muitas vezes para lubrificar o globo ocular e relaxar os músculos faciais. Eu me viciei e até agora estou pisca-piscando. E não é que deu certo? Ajudou a melhorar o foco e a percepção da luz. Recomendo. Receitas como essa circulam no grupo de oração também para a audição deficiente. Todos nós estamos meio surdos, uns mais, outros menos.

As "reinhas" e os "reinhos", alguns pré-diabéticos, estão todos com osteoporose em maior ou menor medida. São frequentes as queixas de osteoartrite, tendinite e dores nas articulações. A recomendada pomada "canela de velho" para o desgaste da cartilagem é milagrosa, se ajudada pela reza.

A segunda irmã, cujos ossos do joelho batiam um no outro, viajou para São Paulo em cadeira de roda, mas incentivada pelas preces, recusou a cirurgia. Curou-se comendo pés de galinha, rico em colágeno tipo 2, e devorou arroz com cúrcuma para sarar o seu "dedo em gatilho" travado pela tenossinovite estenosante. Debochada, ela ainda deu um cotoco pro cirurgião.

CURANDO A ALMA

Quando a irmã puxadora de reza inicia um canto, os remédios ecumênicos da alma entram em cena. Alguém é escolhido para ler o evangelho ou textos de autores como o padre Júlio Lancellotti, Leonardo Boff, Frei Betto, pastor Henrique, o teólogo luterano Hans Alfred Trein, o kardecista Apolônio Nascimento, a pajé Zeneida Lima.

São feitos comentários em defesa da natureza, da diversidade religiosa e cultural e de valores como a solidariedade com moradores de rua, com os excluídos, com as vítimas do racismo, da homofobia, da misoginia, do sexismo.

Em seguida, cada um faz pedidos individuais a Deus e à Cidinha – apelido que deram à Nossa Senhora Aparecida como sinal de intimidade.

Cada qual reza por suas intenções particulares. São muitas. Cada pedido se refere a situações diversas, descritas detalhadamente, envolvendo uma filha com dengue e outra com implante dentário, o namorado doente da neta, as atividades escolares do neto autista, um cunhado com problemas no trabalho, o amigo com Alzheimer, a viagem de avião Manaus-Brasília do sobrinho que vai se operar, o vizinho entregador que teve a moto roubada, a vizinha que morreu, a sogra de um filho hospitalizada, as felicitações pelo aniversariante do dia. E por aí vai...

Qualquer pedido termina sempre com a frase: "Por tudo isso, rezemos ao Senhor". Todos respondem em coro: "Oh, Senhor, escutai a nossa prece". Ele tem escutado, até mesmo a uma irmã,

que tem forma inusitada de pedir. Espertinha, ela agradece antecipadamente a graça que **ainda vai alcançar**, comprometendo a Cidinha e seu Filho. Mas o que conta é que a forma de rezar funciona como um jornal local que, no final, atualiza a irmandade com as fofocas e as notícias familiares.

O PODER DA REZA

Alguns amigos e conhecidos, incluindo quem mora em Portugal e na França, impressionados com a reunião diária de um grupo de oração de 11 irmãs e irmãos, pedem para rezarmos por doentes de suas famílias. Às vezes dão retorno e, como o leproso do Evangelho, agradecem a melhora do enfermo.

Será que reza cura? Esse ex-agnóstico aqui, que entrou no grupo de oração só para acompanhar os perrengues da família, agora reza. Para Nhanderu.

Foi convencido pelo artigo "O poder da reza" escrito por um ateu, o psicanalista italiano Contardo Calligaris (1948-2021), que seguiu os debates na revista científica *British Medical Journal* sobre doentes beneficiados por orações graças às energias liberadas capazes de influir nas enfermidades.

– A cura é fruto da ação da divindade solicitada? Isso depende de um ato de fé, que não cabe na interpretação de uma pesquisa científica. Mas a ciência, que no passado recente ignorava a existência de partículas, mudou. Hoje, a física constata que tais partículas povoam o nosso universo. Por que as nossas intenções não movimentariam uma energia desconhecida capaz de alterar o mundo físico? – pergunta o psicanalista. Conclui com sua voz de ateu:

– Embaixo do sol (ou da chuva) deve haver muito mais do que imaginamos, até porque nossa ciência está longe de ser acabada. [...]. Eu não acredito nas paranormalidades, mas em geral durmo melhor ninado pelo mistério do que pelas certezas.

PERFIL DOS REZADORES

Segue a lista de participantes do grupo de oração, apresentada por ordem de chegada ao mundo. Nove moram em Manaus, um em Niterói, outra em Juiz de Fora. Todos compartilham a velhice:

1. **A Matriarca** (1941) fala pouco, mas sua reza se expressa na forma de canto, com uma voz de timbre cristalino.
2. **A Bem-humorada** (1943) faz todo mundo rir, tem muita fé,



Foto: TaQuiPraTi

mas desbocada, solta palavrão no meio da reza e distribui aqui e ali cotocos profanos, posto que não existe cotoco sagrado.

3. A Destemida (1945) fica "p" da vida quando atropelam sua fala. Na pré-adolescência, queimou com ferro de passar a barriga do irmão machista, que ameaçava espancá-la, cujo nome omitimos para não o humilhar. A queimadura o transformou em ardoroso feminista.

4. A Puxadora de reza (1946) nossa "padra" já foi ao Vaticano 5 vezes, beliscou a barriga do papa a quem chama de Chiquinho. Militante na sua paróquia, tem uma enorme capacidade de *aggiornamento*, de atualizar sua fé.

5. O Encrenqueiro (1947) brinca de armar intrigas entre irmãs e tem fama de fantasioso por dar caráter ficcional à realidade. Dizem as más línguas que herdou a fantasia da mãe, de quem pegou poucas palmadas.

6. O Espiritualizado (1949), ex-nervosinho, prefere a oração e não gosta da fofo-reza, pWrotesta quando as fofocas se alongam. De todos, esse menino de cabeça branca é o único que ainda "dá no couro".

7. O Falastrão (1950), aprendiz de internauta, se perde em longos relatos com detalhes minuciosos e precisa de um freio para não se desviar da reza. É um bom pai de família, que está reaprendendo a rezar. Tem voz maviosa quando canta, sobretudo em coro com a Agradecida.

8. A Agradecida (1952) vota no Lula, o abençoado, a quem admira, mas reza por Bolsonaro, o amaldiçoado: "Maninho, é ele e não Lula que precisa de oração". Diariamente, ela: "pelo pai dos quatro zeros, rezemos ao Senhor". Diariamente eu só no pensamento: "Oh, Senhor, te agradeço por não escutar a prece dela".



9. A Psicanalisada (1953) traz sempre textos e reflexões que tratam da velhice compartilhada e das relações familiares entre cônjuges, filhos, netos, amigos. É fissurada em psicologia e psicanálise, seus comentários ajudam muito o grupo.

10. A Totoiotaia (1957). Muito ocupada com a docência universitária, com a filharada e a netarada, sua participação consiste em selecionar e postar textos muitas vezes aproveitados para leitura no grupo.

11. A Terrorista (1962) ex-intransigente e ex-mimada, a caçula tem sérios problemas de audição, vive reclamando do barulho que muito a incomoda. Ela dá suporte logístico intelectual e afetivo ao grupo. Mas-gosta-de-filar-comida-na-casa-das-irmãs.

Essas são as filhas e os filhos vivos da dona Elisa. Os corpos envelhecidos têm seus achaques, mas de humor e de espírito estão todos bem. A mãe, uma senhora aguerrida, que criou 13 filhos numa casinha modesta e pobre do bairro de Aparecida, em Manaus, nos ensinou a compartilhar e a rezar. E eu, caipira carente, só queria mostrar meu olhar, meu-olhar, meu-olhar.

P.S. No grupo, falei sobre o livro de Margarida Campos *Estação Radiant*, que estou lendo, uma viagem por Manaus nos ônibus de madeira nas décadas de 1940-60. Para que minhas irmãs se deliciem com o texto da Margarida, rezemos ao Senhor! Oh-Senhor-escutai-a-nossa-prece.



José Bessa Freire – Cronista. Professor. Indigenista. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Publica suas crônicas em www.taquiprati.com.br.

O TEMPO E A ETERNIDADE DO SER HUMANO

Leonardo Boff

Em cada virada de ano, falamos do tempo que passou e do novo que se inicia. Mas que é o tempo? Ninguém sabe. Nem Santo Agostinho soube dar uma resposta em suas *Confissões* nas quais fez uma das mais profundas reflexões.

Nem Martin Heidegger, o mais eminente filósofo do século XX. Escreveu seu famoso livro *Ser e Tempo*. Dedicou volumoso livro ao Ser. Até ao fim de sua vida ficamos esperando um tratado sobre o **tempo.** E não veio, porque também ele não sabia o que era o tempo. Ademais, é curioso: o tempo é o pressuposto para falarmos do tempo. Precisamos do tempo para refletir sobre o tempo. É um círculo vicioso.

Creio que a abordagem mais adequada é conectar o tempo à vida humana. Consideramos a vida como o valor supremo acima do qual há só o Ser que faz ser todos os seres.

O sentido da vida no tempo é viver, simplesmente viver, mesmo na mais humilde condição. Viver é uma espécie de celebração do existir e de termos escapado do nada. Poderíamos não existir. E, no entanto, aqui estamos. Viver é um dom. Ninguém pediu para existir.

A vida é sempre um com e um para. Vida com outras vidas da natureza, com vidas humanas e vidas com outras vidas que por acaso existem no universo. E vida é para expandir-se e para dar-se a outras vidas, sem o que a vida não se perpetua.

A vida, no entanto, é habitada por uma pulsão interior que não pode ser freada. A vida quer se encontrar com outras vidas, pois para isso existe o com e o para. Sem isso a vida deixaria de existir.

A pulsão irrefreável da vida faz com que ela não queira só isso e aquilo. Quer tudo. Quer se perpetuar o mais que pode, no fundo, nunca quer acabar, quer se eternizar.

Ela carrega dentro de si um projeto infinito. Este projeto infinito a torna feliz e infeliz. Feliz porque encontra, ama e celebra o encontro com outras vidas e com tudo o que tem a ver com a vida ao seu redor. Mas é infeliz porque tudo o que encontra e ama é finito, lentamente se desgasta e cai sob o poder da entropia, no termo, sob o império da morte.

Apesar dessa finitude, em nada enfraquece a pulsão pelo Infinito. Quando encontra esse Infinito, repousa. Experimenta uma plenitude que ninguém lhe pode dar nem tirar. Só ele a pode construir, desfrutar e celebrar.

A vida é inteira, mas incompleta. É inteira porque dentro dela estão juntos o real e o *potencial*. Mas é incompleta, porque o potencial ainda não se fez real. Como o potencial não conhece limites, a vida sente um vazio que nunca consegue preencher totalmente. Por isso nunca se faz completa para sempre. Permanece na antessala de sua própria realização.



Leonardo Boff – Filósofo, teólogo e escritor. Autor, entre outros livros, de *Experimentar Deus hoje:* a transparência de todas as coisas (Vozes).



Fotos: Divulgação/


ASSEMBLEIA GE
EXTRAORDINÁ
DA ETEC-CUT
CONTRAF
CUT
DELEGADO

Foto: AGE/

FETEC-CUT CENTRO NORTE – 35 ANOS: UMA FEDERAÇÃO CLASSISTA, DEMOCRÁTICA E DE LUTA

Rodrigo Britto

Nossa Federação já nasceu, em 1990, como parte desse novo sindicalismo forjado a partir das greves dos metalúrgicos do ABC, que desembocou na criação da CUT em 1983 e tem como princípios norteadores a liberdade de organização, a unidade de ação da classe trabalhadora, a autonomia sindical, a independência em relação a partidos e governos e a solidariedade com os movimentos dos trabalhadores em qualquer parte do planeta.

Éramos apenas quatro sindicatos. Nesses 35 anos a Federação cresceu e agora já somos 13 as entidades sindicais filiadas, que vão de Mato Grosso do Sul ao Amapá e Roraima, do Pará ao Acre, passando por Brasília, Rondônia e Mato Grosso.

Tivemos a participação destacada nas grandes mobilizações e nas conquistas da categoria bancária nesse período. Ajudamos na organização de outras categorias de trabalhadores e dos movimentos sociais nas regiões Centro-Oeste e Norte.

Participamos da construção e consolidação das CUTs estaduais. E estivemos sempre na linha de frente das grandes batalhas que a classe trabalhadora e a sociedade brasileira travaram nas últimas décadas em defesa dos nossos direitos, da democracia e da construção de um país mais igualitário, solidário e democrático.

Em tamanho territorial, a Fetec-CUT/CN se tornou a maior federação sindical do planeta, cabendo dentro dela os quatro principais biomas do país (Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal) e as nascentes de três grandes bacias hidrográficas (do Paraná, São Francisco e Tocantins).

O que nos tem obrigado também a incluir entre nossas prioridades a defesa do meio ambiente, dos povos originários, do meio ambiente e da classe trabalhadora dessa imensa região, o combate ao aquecimento global e a luta pelo desenvolvimento sustentável. Isso levaremos para a COP-30.

Temos muito orgulho dessa nossa história, construída ao longo dessas três décadas e meia. E assumimos o compromisso de, pelos próximos 35 anos, manter acesa a chama e a luta sem tréguas na defesa intransigente dos nossos direitos, na organização dos trabalhadores e das trabalhadoras do ramo financeiro e na construção de um Brasil verdadeiramente democrático, onde toda a classe trabalhadora possa ter uma existência digna.



Rodrigo Britto – Presidente da Fetec/CUT Centro Norte, em Golpe Militar – 60 Anos – Livro/Revista Extratos, Bancários DF-Fetec-CUT/CN, edição especial, dezembro de 2024

FETEC CUT Centro Norte



Foto: divulgação

RUBENS PAIVA FOI TORTURADO AO SOM DE "JESUS CRISTO"

Urariano Mota

Hoje pela manhã, enquanto seguia para um médico, disse à senhora Francêsca:

– Não me sai da cabeça esta composição de Mozart – e tentei cantarolar, ou assassinar com a voz esta obra-prima

E continuei:

– Isso é bem melhor que Roberto Carlos, não é?

Ao que ela me respondeu:

– É. Aí já seria uma tortura.

Aquilo me ficou. Depois, enquanto esperava no consultório, me lembrei de que eu já havia escrito sobre Roberto Carlos e a tortura nos anos da ditadura brasileira.

Ao chegar em casa, revi o texto de 2014, que volta à tona com o justo sucesso do filme "Ainda estou aqui'. Aos trechos.

Em mais de uma oportunidade já escrevi que podíamos escrever a história política do Brasil a partir do som da sua música popular. Assim foi, por exemplo, em páginas de Soledad no Recife, quando a ressurreição dos malditos anos da ditadura se fez sob a canção dos tropicalistas.

(Ao que acrescento agora em 2025: assim é com o romance "A mais longa duração da juventude", onde há discussões homéricas sobre os grandes compositores da música popular).

Mas jamais poderia imaginar, e aqui mais uma vez a realidade supera o imaginado, que a música popular fosse usada do modo mais vil, como o noticiado na imprensa dos últimos dias.

A informação consta de um depoimento escrito pela professora Cecília Viveiros de Castro, que esteve presa nas mesmas insta-

lações que Rubens Paiva. Cecília estava então com 48 anos. Ela foi detida ao voltar de uma visita ao filho, Luiz Rodolfo, exilado no Chile

Com ela estava Marilene Corona Franco, cunhada de seu filho. As duas traziam cartas de outros exilados para suas famílias. No prédio da Aeronáutica, elas ouviram gritos de um preso que estava sendo interrogado. "Era a primeira vez que constatava a existência dos horrores da tortura, tão negados pelo governo", diz.

Em depoimento anexado pelo Ministério Público à denúncia, Marilene Franco disse ter ouvido os gritos de Rubens Paiva, que era torturado em um salão ao lado de onde ela estava. Para abafar os gritos, um rádio foi ligado em alto volume. "Tocavam 'Jesus Cristo', de Roberto Carlos..."

A notícia não informa, talvez em nome da objetividade, que o ex-deputado Rubens Paiva foi torturado ao som de Roberto Carlos por diferentes razões na escolha das músicas. Tentemos um esboço aqui. Roberto Carlos, o Rei, veio na contramão, contrário à rebeldia política, em real estado de conformismo.

A "maioria silenciosa", nela incluídos os jovens mais alienados do mundo, os pequenos-burgueses que apenas queriam uma razão de se dar bem na vida, em lugar de uma razão de viver, acompanhavam Roberto Carlos na canção "Jesus Cristo! Jesus Cristo! / Jesus Cristo, eu estou aqui / Jesus Cristo! Jesus Cristo! / Jesus Cristo, eu estou aqui ... / Quem poderá dizer o caminho certo / É você, meu Pai / Jesus Cristo! Jesus Cristo!...."

As razões dos torturadores, que mataram um homem ao som de canções com extrema perversidade, não cabem no samba curto de um artigo. As pessoas nascidas nos últimos anos não sabem que no tempo da ditadura a música era também uma realização política, a música era uma concreção, o mais próximo de uma arma possível. O seu lugar na vida e no imaginário da juventude rebelde era um ato inalienável de combate.

Sei que os fãs do "Rei" vão dizer: "Roberto Carlos não tem culpa dos crimes da ditadura". É verdade. Mas, por coincidência, a música de Roberto Carlos acabou por ser uma das mais representativas desses anos. O Rei não foi apenas o homem livre que somente fazia o que o regime mandava. Não. Roberto Carlos foi capaz de compor pérolas que realçavam o mundo ordenado pelo regime.

Entre outras, o Rei compôs a canção que foi um hino, um gospel de corações vazios, um som sem fúria de negros norte-americanos. O Rei orou "Jesus Cristo, eu estou aqui". Que profunda ironia para o nome do filme "Ainda estou aqui".

É uma perversa vitória do real que esse crime expresse tão cruel o valor da música popular no Brasil. Roberto Carlos e Rubens Paiva, numa estranha associação que eles não queriam.



Urariano Mota – Autor de Soledad no Recife, recriação dos últimos dias de Soledad Barret, mulher do Cabo Anselmo, entregue pelo traidor à ditadura. Escreveu ainda O filho renegado de Deus, Prêmio Guavira de Literatura 2014, e A mais longa duração da juventude, romance da geração rebelde do Brasil. Matéria publicada originalmente no Brasil 247: https://www.brasil247.com/blog/rubens-paiva-era-torturado-ao-som-de-jesus-cristo-de-roberto-carlos#google_vignette



Foto: divulgação



KNYXIWÈ



No passado, ***Knyxiwè*** era um dos Iny que tinham o poder de fazer as coisas no meio social de seu povo.

E até mesmo na natureza, ele tinha o poder de fazer e desfazer as coisas do jeito que ele queria. Por isso, hoje, muitos Iny traduzem a palavra Deus para ***Knyxiwè***. Na verdade, não é uma tradução, mas seria uma "comparação".

Segundo o mito contado pelos Iny, antigamente, os animais falavam uns com os outros e se comunicavam com os Iny.

Mas um dia veio o ***Knyxiwè*** e transformou todos os animais no que são hoje, denominou [cada um deles] e indicou os alimentos dos quais iam sobreviver.

FONTE: Arte Iny Karajá – Patrimônio Cultural do Brasil. Comunidade Iny Karajá. Iphan 2020.









Foto: Agência Assembleia de Notícias de Goiás/

BIA DE LIMA: COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO E COM A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A deputada estadual Bia de Lima (PT) reafirmou seu compromisso com a educação e os servidores públicos, destacando que seguirá na luta por melhorias para a categoria. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego), a parlamentar tem uma trajetória marcada pela defesa do setor e anunciou novas iniciativas para fortalecer suas pautas em 2025.

"A partir deste terceiro ano de mandato, vamos buscar acelerar o passo das políticas públicas aprovadas na Alego. Além disso, pretendo estar mais presente nos municípios para garantir que aquilo que aprovamos aqui tenha efeito prático na vida das pessoas", declarou Bia de Lima.

Segundo ela, o foco será ampliar a implementação dos projetos do Governo Federal, em especial com a chegada de novos prefeitos e vereadores. "Como deputada do Governo Lula, minha responsabilidade é garantir que essas iniciativas cheguem à população de forma eficaz", acrescentou.

Além da educação, a legisladora anunciou a criação de um gabinete itinerante, inspirado na iniciativa similar do Sintego. O objetivo é aproximar ainda mais a atuação parlamentar da realidade dos municípios. "Estaremos presentes nos municípios, ouvindo e atuando diretamente na luta pela valorização da carreira docente e de toda a população", enfatizou.

Outro ponto de atenção da parlamentar será a revogação da alíquota de 14,25% sobre os salários dos servidores aposentados, imposta pelo Governo Estadual. "A gestão Caiado precisa pôr fim a essa cobrança injusta, que penaliza aqueles que dedicaram suas vidas ao serviço público", afirmou.

Ela também se comprometeu a cobrar do Governo Estadual a realização de obras de infraestrutura, com ênfase na recuperação das rodovias estaduais. "O governador prometeu melhorias nas estradas utilizando recursos do Fundo Estadual de Infraestrutura (Fundeinfra) e estaremos vigilantes para garantir que essas obras saiam do papel e beneficiem a população", destacou.

Com um mandato voltado à defesa da educação e dos servidores, a deputada reforça seu compromisso com a transformação social e a melhoria das condições de trabalho e de vida dos goianos.

Fonte: Portal da Alego (https://portal.al.go.leg.br/)

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

PÃO E RAPADURA

Elson Martins



Foto: Dário Gabriel/ Divulgação/

O Ceará e o Acre vivem imbricados como escamas de peixe. Talvez possamos até dizer que o Nordeste e a Amazônia são imbricados. Em julho de 2007, passei minhas férias em Natal, no Rio Grande do Norte, e tive a oportunidade de visitar o vale do Ceará Mirim com seus famosos engenhos de cana-de-açúcar do passado.

Vi paisagens e ouvi histórias que lembram nossos antigos seringais. Pensei logo: por que não trabalhamos, politicamente, essa enorme identidade entre Norte e Nordeste? Algum reboliço social, político, econômico e cultural faríamos Brasil afora. Pelo sim, pelo não, passei a vasculhar livros na internet, quem sabe encontraria alguma coisa rara!

Pois encontrei, e repasso este relato autobiográfico de Patativa do Assaré, considerado "cearense do século" nos anos noventa do século passado:

> *Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar de meus versos, veio à nossa casa e pediu à minha mãe para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, o qual fez o que prometeu, tratando-me como se trata um próprio filho.*
>
> *Chegando ao Pará, aquele parente apresentou-me a José Carvalho, filho de Crato, que era tabelião do 1º Cartório de Belém. Naquele tempo, José Carvalho estava trabalhando na publicação de seu livro "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", o qual tem um capítulo referente a minha pessoa e o motivo da viagem ao Pará. Passei naquele estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei.*
>
> *De volta ao Ceará, José Carvalho deu-me uma carta de recomendação para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno, que, recebendo a carta, acolheu-me com muita atenção em seu Salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei na Serra de Santana, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei-me com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai.*
>
> *Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua fora do programa da verdadeira democracia.*
>
> *Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por dor d'olhos. Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará.*
>
> *Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré.*

PADARIA ESPIRITUAL

Poxa! Fiquei perplexo com a revelação! Então o nosso José Carvalho, comandante da primeira insurreição acreana, além de primo da escritora Raquel de Queiroz também influiu na carreira literária do Patativa do Assaré?

E lá fui eu, quase convulsivo, navegando na blogosfera até esbarrar na Padaria Espiritual do Ceará. Aí é preciso paciência e tempo, porque tudo quanto é blog e site do Nordeste fala desse movimento literário revolucionário, do qual José Carvalho (ele de novo) foi um dos sócios fundadores.

E vale a pena se inteirar do assunto: Fundada em 30 de maio de 1892, a Padaria recebeu esse nome porque seus membros tinham a pretensão de fornecer aos sócios e à sociedade em geral o pão cultural, como uma forma de reeducação e apelo à sociedade alienada da época.

Entre os principais sócios fundadores estavam Antonio Sales, Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno, Adolfo Caminha, Lopes Filho, Eduardo Sabóia, Lívio Barreto, Antônio Castro, José Carvalho, Álvaro Martins e Henrique Jorge.

A Padaria Espiritual diferenciava-se das associações criadas pelas elites cearenses da época porque juntava intelectuais, boêmios e cidadãos comuns e assumia um caráter marcado pelo humor, ironia e irreverência. Seus membros autodenominaram-se padeiros e o produto do seu trabalho era um periódico que circulava aos domingos e chamava-se O Pão. Através da "Padaria Espiritual" a gente pode acrescentar informações ao perfil de José Carvalho, que já sabíamos ser jornalista, escritor e advogado.

Agora sabemos com precisão que nasceu em Crato, no Ceará, no ano de 1872 e faleceu no Rio de Janeiro em 1933. Quando a Padaria encerrou sua primeira fase de vida, em 1894, ele estava vindo para a Amazônia. Ao comandar a insurreição em Puerto Alonso, em 1º. de maio de 1898, expulsando o cônsul boliviano Moyses Snativãnez da região, tinha 26 anos de idade.

Conforme o poeta, músico e trovador Patativa do Assaré relata em seu livro Digo e não peço segredo, editado em 2001 em São Paulo, foi José Carvalho quem lhe deu o apelido. De fato, Patativa está num capítulo do livro O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará, de autoria do revolucionário cearense-acreano.

> *Segundo filho de uma família pobre que vivia da agricultura de subsistência, cedo ficou cego de um olho por causa de uma doença. Com a morte de seu pai, quando tinha oito anos de idade, passa a ajudar sua família no cultivo das terras. Aos doze anos, frequenta a escola local, em que é alfabetizado, por apenas alguns meses. A partir dessa época, começa a fazer repentes e a se apresentar em festas e ocasiões importantes. Por volta dos vinte*



Foto: BECE/ Divulgação/

*anos recebe o pseudônimo de Patativa, por ser sua poesia comparáve*l à beleza do canto dessa ave.

Patativa do Assaré obteve popularidade a nível nacional, possuindo diversas premiações, títulos e homenagens (tendo sido nomeado por cinco vezes Doutor Honoris Causa). No entanto, afirmava nunca ter buscado a fama, bem como nunca ter tido a intenção de fazer profissão de seus versos.

Ele nunca deixou de ser agricultor e de morar na mesma região onde se criou (Cariri) no interior do Ceará. Seu trabalho se distingue pela marcante característica da oralidade. Seus poemas eram feitos e guardados na memória, para depois serem recitados.

Daí o impressionante poder de memória de Patativa, capaz de recitar qualquer um de seus poemas, mesmo após os noventa anos de idade. (Google)

INFÂNCIA

No verdô de minha idade
Mode acalentá meu choro
Minha vovó de bondade
Falava em grandes "tesôro".
Arte matuta
Eu aprendi com a natureza que é caprichosa.
É como eu digo nos meus versinhos:
Eu nasci ouvindo os cantos
das aves de minha serra
e vendo os belos encantos
que a mata bonita encerra
foi ali que eu fui crescendo
fui vendo e fui aprendendo
no livro da natureza
onde Deus é mais visível
o coração mais sensível
e a vida tem mais pureza.
Sem poder fazer escolhas
de livro artificial
estudei nas lindas folhas
do meu livro natural
e, assim, longe da cidade
lendo nessa faculdade
que tem todos os sinais
com esses estudos meus
aprendi amar a Deus
na vida dos animais.
Quando canta o sabiá
Sem nunca ter tido estudo
eu vejo que Deus está
por dentro daquilo tudo
aquele pássaro amado
no seu gorgeio sagrado
nunca uma nota falhou
na sua canção amena
só canta o que Deus ordena
só diz o que Deus mandou.

DESPEDIDA

Conheço que estou no fim
e sei que a terra me come
mas fica vivo o meu nome
para os que gostam de mim

Patativa morreu em 8 de julho de 2002 na cidade de Assaré, onde nasceu.



Elson Martins – Jornalista e escritor acreano. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Fundador do *Varadouro – Um Jornal da Selvas*. Poesias reproduzidas do livro *Digo e não peço segredo*, organizado e prefaciado por Tadeu Feitosa. Editora Escrituras, São Paulo 2001, segundo o autor da matéria, publicada originalmente no blog do *Varadouro:* https://ovaradouro.com.br/pao-e-rapadura/

UMA VITÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

Eduardo Galeano

Aconteceu no norte do rio Uruguai. Sete missões dos sacerdotes jesuítas foram dadas de presente pelo rei da Espanha ao seu sogro, o rei de Portugal. A oferenda incluía os 30 mil índios guaranis que moravam lá.

Os guaranis se negaram a obedecer, e os jesuítas, acusados de cumplicidade com os índios, foram devolvidos para a Europa.

No dia de hoje [10 de fevereiro] de 1756, nas colinas do Caboaté, foi derrotada a resistência indígena.

Triunfou o exército da Espanha e de Portugal, mais de quatro mil soldados acompanhados por cavalos, canhões e numerosos ladrões de terra e caçadores de escravos.

Saldo final, de acordo com dados oficiais:

Indígenas mortos: 1.723

Espanhóis mortos: 3

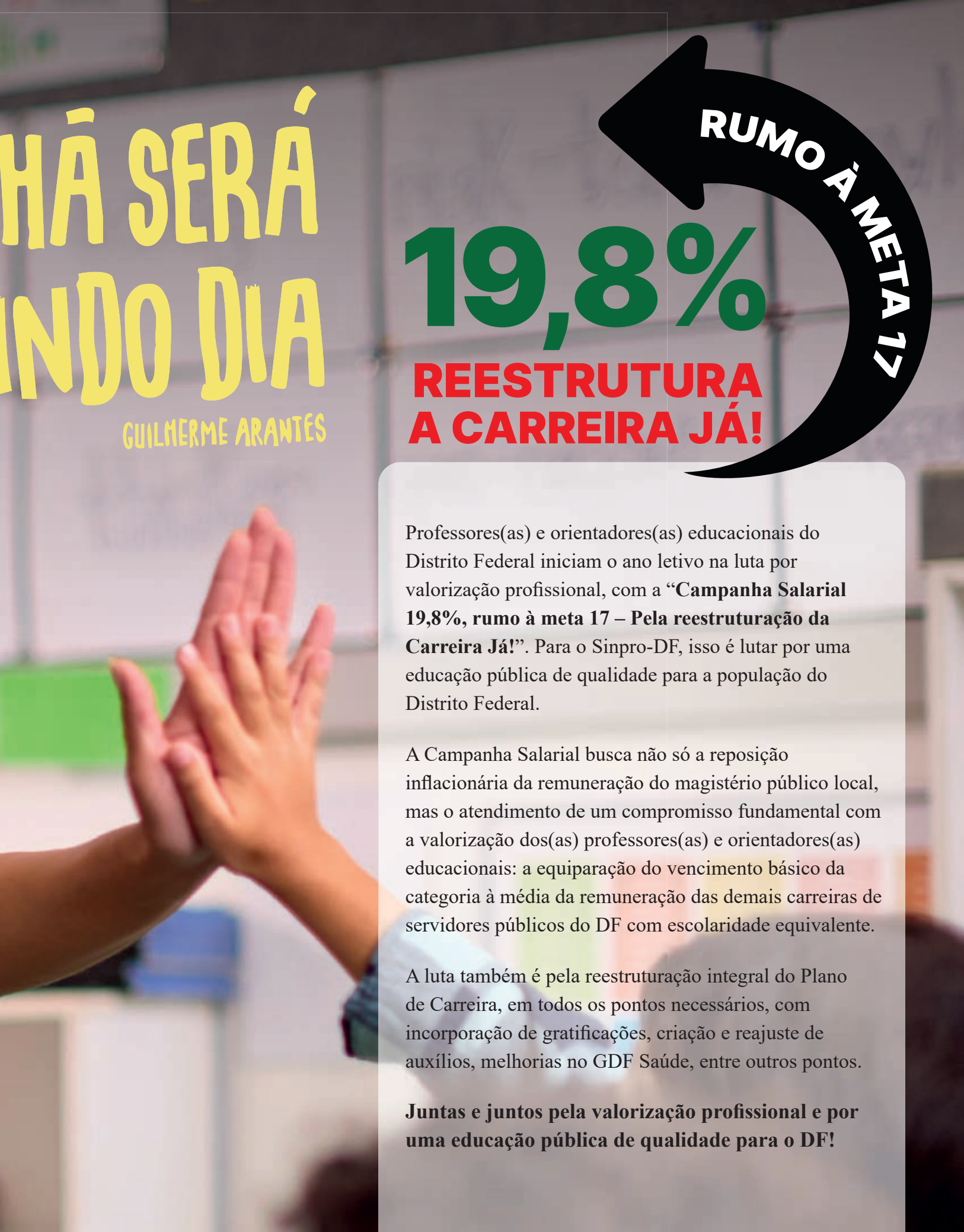
Portugueses mortos: 1



Eduardo Galeano (1940 – 2015) – Escritor revolucionário, em *Os Filhos dos Dias*. Editora L&PM, 2ª edição, 2012.

Fonte: Wikimedia/ Divulgação/


SINPRO DF
Filiado: CUT CNTE
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
46 ANOS
CUT BRASIL
CNTE
AMAN
UM L



RUMO À META 17

19,8%

REESTRUTURA A CARREIRA JÁ!

Professores(as) e orientadores(as) educacionais do Distrito Federal iniciam o ano letivo na luta por valorização profissional, com a "**Campanha Salarial 19,8%, rumo à meta 17 – Pela reestruturação da Carreira Já!**". Para o Sinpro-DF, isso é lutar por uma educação pública de qualidade para a população do Distrito Federal.

A Campanha Salarial busca não só a reposição inflacionária da remuneração do magistério público local, mas o atendimento de um compromisso fundamental com a valorização dos(as) professores(as) e orientadores(as) educacionais: a equiparação do vencimento básico da categoria à média da remuneração das demais carreiras de servidores públicos do DF com escolaridade equivalente.

A luta também é pela reestruturação integral do Plano de Carreira, em todos os pontos necessários, com incorporação de gratificações, criação e reajuste de auxílios, melhorias no GDF Saúde, entre outros pontos.

Juntas e juntos pela valorização profissional e por uma educação pública de qualidade para o DF!

NÃO GOSTO DO SEU PETRÓLEO, TRUMP!

Gustavo Petro

"Trump, eu não gosto muito de viajar para os EUA, é meio chato, mas confesso que tem coisas que valem a pena, eu gosto de ir para os bairros negros de Washington, lá eu vi uma briga inteira na capital dos EUA entre negros e latinos, com barricadas, o que me pareceu um absurdo, porque eles deveriam se unir.

Confesso que gosto de Walt Whitman e Paul Simon e Noam Chomsky e Miller.

Confesso que Sacco e Vanzetti, que têm meu sangue, são memoráveis na história dos Estados Unidos e eu os acompanho. Eles foram assassinados pelos líderes trabalhistas na cadeira elétrica, pelos fascistas que estão dentro dos EUA e também dentro do meu país.

Não gosto do seu petróleo, Trump. Você vai exterminar a espécie humana por causa da ganância. Talvez um dia, tomando um copo de uísque, o que aceito apesar da minha gastrite, possamos conversar francamente sobre isso, mas é difícil porque vocês me consideram uma raça inferior e eu não sou, nem nenhum colombiano é.

Então, se você conhece alguém teimoso, sou eu, ponto final. Com sua força econômica e arrogância, eles podem tentar dar um golpe de Estado como fizeram com Allende. Mas eu morro na minha lei, resisti à tortura e resisto a você. Não quero traficantes de escravos perto da Colômbia, já tivemos muitos e nos libertamos.

O que eu quero ao lado da Colômbia são amantes da liberdade. Se você não pode vir comigo, irei para outro lugar. A Colômbia é o coração do mundo e você não entendeu, esta é a terra das borboletas amarelas, da beleza de Remedios, mas também dos coronéis Aureliano Buendía, dos quais eu sou um deles, talvez o último.

Vocês vão me matar, mas eu sobreviverei na minha cidade que fica antes da sua, nas Américas. Somos povos dos ventos, das montanhas, do Mar do Caribe e da liberdade.

Você não gosta da nossa liberdade, ok. Eu não aperto a mão de traficantes de escravos brancos. Aperto as mãos dos herdeiros libertários brancos de Lincoln e dos garotos negros e brancos das fazendas dos EUA, diante de cujos túmulos chorei e rezei em um campo de batalha, que alcancei depois de caminhar pelas montanhas da Toscana italiana e depois de me salvar da Covid.

Eles são os Estados Unidos e diante deles eu me ajoelho, diante de mais ninguém.

Derrube-me, presidente, e as Américas e a humanidade responderão.

A Colômbia já deixa de olhar para o norte, olha para o mundo, o nosso sangue vem do sangue do Califado de Córdoba, a civilização daquela época, dos latinos romanos do Mediterrâneo, a civilização daquela época, que fundou a república, a democracia em Atenas; nosso sangue fez dos negros resistentes escravos de vocês. Na Colômbia está o primeiro território livre da América, antes de Washington, em toda a América, ali me refugio em seus cantos africanos.

Minha terra é formada por ourives que trabalharam na época dos faraós egípcios e dos primeiros artistas do mundo em Chiribiquete.

Você nunca nos governará. O guerreiro que cavalgou nossas terras gritando liberdade e que se chama Bolívar se opõe a nós.

Nossos povos são um tanto temerosos, um tanto tímidos, são ingênuos e gentis, amorosos, mas saberão como conquistar o Canal do Panamá, que vocês nos tiraram com violência. Duzentos heróis de toda a América Latina jazem em Bocas del Toro, atual Panamá, antiga Colômbia, que você assassinou.

Eu levanto uma bandeira e, como disse Gaitán, mesmo que ela fique sozinha continuará sendo hasteada com a dignidade lati-

no-americana que é a dignidade da América, que seu bisavô não conheceu, e o meu conheceu, Senhor Presidente, um imigrante nos EUA.

Seu bloqueio não me assusta, porque a Colômbia, além de ser o país da beleza, é o coração do mundo. Eu sei que você ama a beleza assim como eu, não a desrespeite e você lhe dará sua doçura.

A PARTIR DE HOJE, A COLÔMBIA ESTÁ ABERTA AO MUNDO INTEIRO, DE BRAÇOS ABERTOS, SOMOS CONSTRUTORES DE LIBERDADE, VIDA E HUMANIDADE.

Fui informado de que vocês impõem uma tarifa de 50% sobre os frutos do nosso trabalho humano para entrar nos Estados Unidos, e eu faço o mesmo.

Que nosso povo plante o milho que foi descoberto na Colômbia e alimente o mundo."



Gustavo Petro – Presidente da Colômbia, em resposta às agressões do presidente dos Estados Unidos à Colômbia em fevereiro de 2025.



Fonte: Wikimedia/ Divulgação/



Foto: Rodolfo Athayde/ Divulgação/

A ELIZABETH TEIXEIRA

Alder Júlio Calado

Nossas lutas por Reforma
Têm mais de quinhentos anos
Índios, Negros, Camponeses
Pelejaram contra insanos
Desde os anos de quarenta
Nossa Gente então enfrenta
Do sistema tristes planos
Num tempo de intensas lutas
Por reformas radicais
Nossas Ligas Camponesas
Nos orgulham muito mais
Esse Movimento forte
Do sistema quer a morte
Pois quer terra, pão e paz.

No ano de vinte e cinco
Nasce Elizabeth da Costa
Seu pai, um proprietário
Nesta filha não aposta
Pois queria um filho macho
E seu sonho foi abaixo
A menina, a resposta...

A menina foi crescendo
Intrigada com a fartura
Contrastando fortemente
De agregados vida dura
A menina, pensativa
Sua consciência ativa
De ver isto, não atura

Conhecendo os sentimentos
De sua filha generosa
Seu pai logo a proíbe
Visitar ou ter mais prosa
Junto com as moradoras
Fossem pretas, fossem louras
Ô que vida desditosa!

Quanto mais a proibia
Solidária mais ficava
De sua casa ia levando
Roupa, farinha, fava
Acudindo as criancinhas
Que lhe eram tão vizinhas

Seu pai nem adivinhava...
A criança revelou-se
Pelo estudo apaixonada
Pretendia ir muito além
De leitura e tabuada
Mas seu pai não lhe permite
E lhe impõe grande limite
Quer a filha controlada...

Na bodega, era mais útil
Despachando a freguesia...
Foi aí que se engraçou
De um moço que contraria
Os caprichos do seu pai.
Com João Pedro casar-se vai
Seu pai os perseguiria...

Diante das circunstâncias
Que enfrentam com seu tio
Vão morar longe, em Recife
Em lugar mais arredio
E trabalho duro assume
Da dureza tem costume
Vão chegar mais desafios

Da luta mais conscientes
Depois desses nove anos
Curtem o sonho de voltar
À terrinha, com mil planos
De criar um sindicato
Que cuidasse, de imediato
Dum sofrer tão desumano...

Quando a Liga foi criada
Como tinha boa escrita
Elizabeth ajudava
Por justiça também grita
Ao lado dos companheiros
Mas também dos seus herdeiros
Bem cuidava, embora aflita

Latifúndio a farejar
Quem ousasse dizer NÃO
Aos esquemas de chacina
De penúria, do cambão
Que João Pedro denuncia
E com a vida pagaria
Mulher, filhos sofrerão!

Ao martírio de João Pedro
Segue-se o de Elizabeth
Um rosário de problemas
A polícia pinta o sete
Seus filhos, traumatizados
Revolta por todo lado
"Segue a luta" – ela promete!

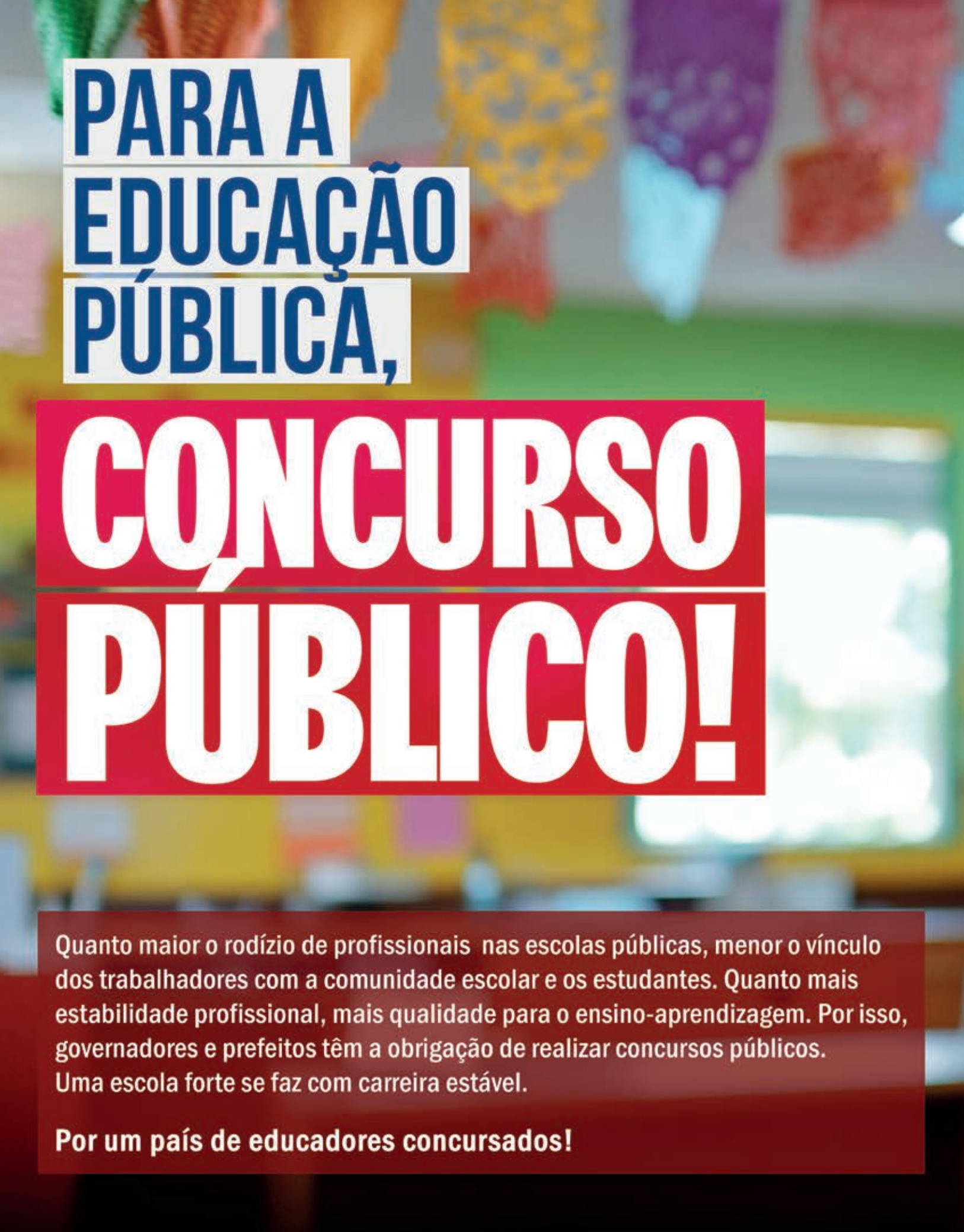
Em memória de João Pedro
E de outros já tombados
Se faziam todo mês
Atos públicos – muitos brados!
Elizabeth presente
Vem o Golpe, de repente
Camponeses são caçados...

Foi terrível a violência
Que do Golpe se arrecada:
Prisões, mortes e torturas
Sua família destroçada
Ela tem que se exilar
Ficar longe do seu lar
Quinze anos sem ver nada...

Seu exílio – São Rafael
Enfrentou com valentia
Lavadeira, professora
De tudo ela padecia
Mas, enfim, sobreviveu
Reencontra filhos seus
Só depois da Anistia.



Alder Júlio – Professor, Pesquisador, Educador Popular, Poeta e Militante das causas sociais. Edição: Maria Franco. Poema publicado nas redes sociais no ano de 2011.


PARA A
EDUCAÇÃO
PÚBLICA,
CONCURSO
PÚBLICO!
Quanto maior o rodízio de profissionais nas escolas públicas, menor o vínculo dos trabalhadores com a comunidade escolar e os estudantes. Quanto mais estabilidade profissional, mais qualidade para o ensino-aprendizagem. Por isso, governadores e prefeitos têm a obrigação de realizar concursos públicos.
Uma escola forte se faz com carreira estável.
Por um país de educadores concursados!



CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Brasil
Filiada à CUT BRASIL
Internacional da Educação
CEA
CPLP-SE
FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **360**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **600**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**